



SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SÃO JULIÃO

(Branca, Albergaria-a-Velha)

PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO

COMO IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO



I

Preâmbulo

1. A lei que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural (Lei n.º 107/2001, de 08 de Setembro) estatui que a proteção legal dos bens culturais assenta na classificação e na inventariação (Art.º 16.º), definindo igualmente a natureza dos bens de interesse cultural relevante (Art.º 2.º, n.º 3) e os critérios genéricos de apreciação para a consideração de qualquer daqueles institutos (Art.º 17.º).
2. Estabelece ainda a mesma Lei n.º 107/2001, no seu Art.º 25.º, que o impulso e iniciativa para a abertura de um procedimento administrativo de classificação ou inventariação pode provir de qualquer pessoa ou organismo, público ou privado, nacional ou estrangeiro (n.º 1), designadamente as autarquias locais (n.º 2).
3. O sítio arqueológico de São Julião, localizado na freguesia da Branca, tem vindo a revelar, em resultado dos trabalhos de investigação ali efetuados há mais de uma década, **características excecionais, tanto no plano cultural como natural**, que justificaram a sua inventariação, nos termos do Art.º 19.º da mesma Lei, com o Código Nacional de Sítio n.º 5842.
4. O Município de Albergaria-a-Velha tem manifestado particular interesse na salvaguarda, estudo e valorização deste bem cultural imóvel, tendo financiado sucessivas campanhas de escavação arqueológica (em 1993, 1994 e, anualmente, entre 2014 e 2025), adquirido o terreno onde se conservaram as mais significativas ruínas arqueológicas e promovendo nos últimos anos um projeto de conservação, valorização e musealização do sítio com vista à sua visitação pelo público, projeto recentemente sujeito a uma candidatura aprovada com financiamento pelo Turismo de Portugal (*“Regeneração Integral e Valorização do Sítio Arqueológico de Monte de São Julião”*).

5. Deste modo, considera-se adequado e oportuno, ao abrigo da mesma Lei do Património Cultural Português (Lei n.º 107/2001) e da disciplina do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro (com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 115/2011, Decreto-Lei n.º 265/2012 e Decreto-Lei n.º 10/2024), diploma que regulamenta os procedimentos de classificação dos bens móveis de interesse cultural, submeter às entidades administrativas competentes a proposta de classificação do Sítio Arqueológico de São Julião como **Imóvel de Interesse Público**.

II

Caracterização geral do bem cultural

6. No local conhecido como Monte de São Julião, ou Alto do *Talégre*, foram reconhecidos vestígios de interesse arqueológico desde os escritos de Frei Bernardo de Brito (1569-1617), a que se acrescentaram informações de vários autores nos séculos XIX e XX, consagrando-se a sua catalogação como sítio arqueológico em 1995, por notícia publicada no catálogo da exposição *A Idade do Bronze em Portugal*, realizada no Museu Nacional de Arqueologia.
7. Em resultado dos trabalhos arqueológicos ali efetuados em 1993-1994 e 2014-2024, naquele sítio identificaram-se vestígios de diferentes épocas, entre a pré-história recente e o século XIX, a saber:
 - a) Um **monumento funerário megalítico**, datável, pelo menos, do 3.º milénio antes de Cristo, do qual se conserva o *tumulus* ou mamoa (montículo de terra que cobria a sepultura), com 14 metros de diâmetro, tendo sido a parte da câmara funerária central destruída e bastante alterada por reutilizações, provavelmente, no século XIX, devendo notar-se, ainda, a raridade de encontrar-se um monumento deste género **dentro dos limites** de um povoado da Idade do Bronze;
 - b) Um **povoado dos finais da Idade do Bronze**, com datações absolutas pelo Carbono 14, que apontam para os séculos X e IX antes da nossa era, do qual se detetaram, para além de artefactos em pedra, cerâmica e metal, característicos dessa época, vestígios de barro utilizado em pavimentos e consolidação de cabanas feitas em materiais perecíveis,

uma expressiva estrutura de delimitação, ou *muralha*, feita em pedra acumulada, que rodeava o perímetro da elevação, conservada essencialmente no rebordo poente da plataforma superior e escavada já numa extensão de várias dezenas de metros;

- c) As ruínas de um **posto de telegrafia ótica** do século XIX, documentado entre 1828 e a década de 1840, integrante da rede de comunicações que, acompanhando sensivelmente a «estrada real», ligava Lisboa ao norte do país. Deste estabelecimento - o primeiro objeto de escavação arqueológica entre as muitas dezenas referenciados no país - conservaram-se os alicerces de muros de vários compartimentos, restos de pavimentos e, até, escavados no solo, os encaixes dos postes de madeira que sustentavam o sistema de comunicação, constituído provavelmente por um conjunto de tabuinhas móveis cuja movimentação alternada assegurava o código das mensagens;
 - d) *Diversas pedreiras*, isto é, os negativos de atividades de exploração de pedra, possivelmente do século XIX ou inícios do século XX, duas das quais dentro da área arqueológica adquirida pelo Município, que não só testemunham a tecnologia tradicional desta atividade extrativa, como constituem importantes janelas para a geologia e geomorfologia do local.
8. Para além destas arquiteturas, tem vindo a ser recolhido no local, um **excecional acervo de objetos** de interesse arqueológico, traduzido por dezenas de milhar de fragmentos de recipientes e outros objetos cerâmicos (designadamente restos de cadinhos e moldes de fundição, pelo menos de bronze), centenas de **artefactos em pedra polida e talhada** (machados, lâminas, geométricos, lascas e outros) e numerosos **objetos em bronze, prata e ouro**, com destaque para um par de brincos em ouro, uma foice em bronze, uma lâmina e cabo, possivelmente de punhal, e uma ponta de seta, igualmente feita com uma liga de cobre, peças que, para além do seu grande valor científico, poderão ser expostas no futuro museu municipal.
9. A par do excecional valor como sítio arqueológico, o monte de São Julião constitui igualmente um **gossítio de relevante interesse geomorfológico** - como recentemente foi noticiado, em estudo publicado na revista *Albergue* de 2024 - justificando até futura inventariação e proposta de classificação nesta particular categoria de bens naturais.

10. Simultaneamente, os trabalhos de regeneração ambiental desenvolvidos no âmbito do programa de valorização do monte de São Julião, permitiram identificar um **interessante conjunto de flora autóctone**, cuja recuperação (que tem incluído a eliminação de espécies invasoras e a plantação de espécies autóctones) certamente aumentará a frequência da fauna tradicional, assim contribuindo para a reposição da biodiversidade.
11. Por fim, fruto da geomorfologia e da implantação do sítio arqueológico sobre a primeira elevação relevante que constitui o limite oriental da plataforma sedimentar litoral, do local obtém-se uma excecional visibilidade da paisagem envolvente, quer para as terras baixas da frente atlântica, quer para os complexos orográficos a Nascente, o que potencia a fruição do sítio como **um dos mais importantes miradouros** e ponto de interpretação da paisagem no território municipal.

III

Fundamentação da proposta

12. Considerando os elementos patrimoniais acima descritos, entende-se, à luz da tipificação e critérios da Lei do Património Cultural (Lei n.º 107/2001, Art.º 2.º, n.º 3 e Art.º 17.º), complementados pelo exposto no Art.º 21.º, números 1 e 2, do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro (com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 115/2011, Decreto-Lei n.º 265/2012 e Decreto-Lei n.º 10/2024) que o bem imóvel arqueológico ora proposto para classificação apresenta **notório valor Histórico, Arqueológico, Científico e Social**.
13. Esta relevância é justificada pela **grande investigação científica produzida sobre o sítio**, expressa em cerca de duas dezenas de artigos, comunicações a congressos, palestras e outras apresentações públicas, envolvendo estudos e análises de várias especialidades, da prospeção geofísica às datações radiométricas, análises paleobotânicas, análises químicas de pastas cerâmicas e outras e também, no plano social, pelo forte envolvimento da comunidade local, nomeadamente em visitas e colaboração nos trabalhos em regime de voluntariado, a par de ampla

cobertura por parte dos meios de comunicação locais, regionais e nacionais e envolvimento nas redes sociais.

14. Desta consideração relevam-se, em particular, nos termos do ponto n.º 2 do Art.º 21.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, os valores de **memória, antiguidade, autenticidade, raridade e singularidade**, considerando as arquiteturas e simbólicas pré-histórica (mamoa), proto-histórica (povoado e muralha) e contemporânea (telégrafo oitocentista e pedreiras) – com a circunstância, muito incomum, de estarem reunidos num mesmo arqueossítio.
15. Na mesma linha – agora ao abrigo do Art.º 17.º da Lei n.º 107/2001, podem destacar-se o **carácter matricial do bem**, que documenta as mais antigas ocupações humanas atestadas na região e, nesta linha, também o seu interesse como **testemunho simbólico** (visível nas lendas locais associadas ao sítio) e **testemunho notável de vivências ou factos históricos**; a que podemos acrescentar ainda o seu **valor estético, técnico** (telegrafia ótica) ou **material intrínseco**, a par do seu notável interesse **paisagístico**. Destes elementos decorre a sua importância dos pontos de vista da **memória coletiva e da investigação histórica e científica**, nos termos dos critérios elencados no referido artigo, podendo ainda acrescentar-se que a sua classificação – suscitando especial atenção e investimento público – concorrerá certamente para diminuir, citando ainda o mesmo diploma, as **circunstâncias suscetíveis de acarretarem diminuição ou perda da perenidade ou da integridade do bem**, traduzidas no local pelo grave risco de incêndio florestal e perturbações decorrentes da exceção intensiva de espécies arbóreas de crescimento rápido, generalizada nos terrenos que envolvem por completo a área arqueológica que é propriedade municipal.
16. Nos termos dos pontos números 3 e 4 do mesmo Decreto-Lei n.º 309/2009, entende-se justificável a proposta de classificação do bem cultural na categoria de **Imóvel de Interesse Público**, atendendo ao investimento de longo prazo assumido pelo Município de Albergaria-a-Velha há mais de uma década e às ações e projetos de conservação e valorização já encetados pelo município, visando a **abertura do arqueossítio à visitação e fruição por parte da comunidade local e turística**, potenciando ainda, de forma sustentável, o excecional valor arqueológico do sítio com o seu igualmente excecional valor geomorfológico, paisagístico e natural.

ANEXO

FOTOGRAFIAS

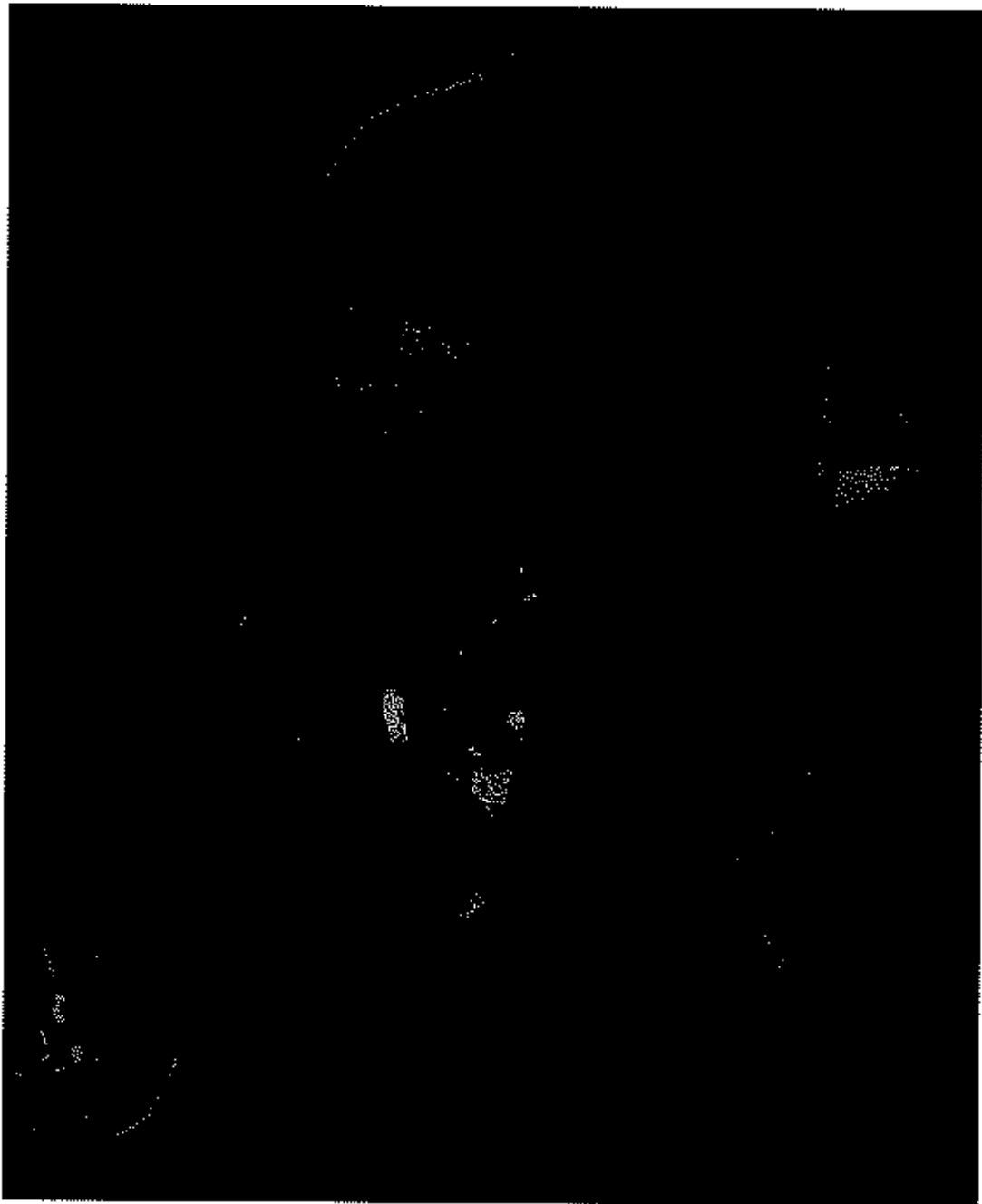


Fig. 1 -Ortofotografia do Monte de São Julião. Abril 2025. (Alfredo Leitão, Multimapa)

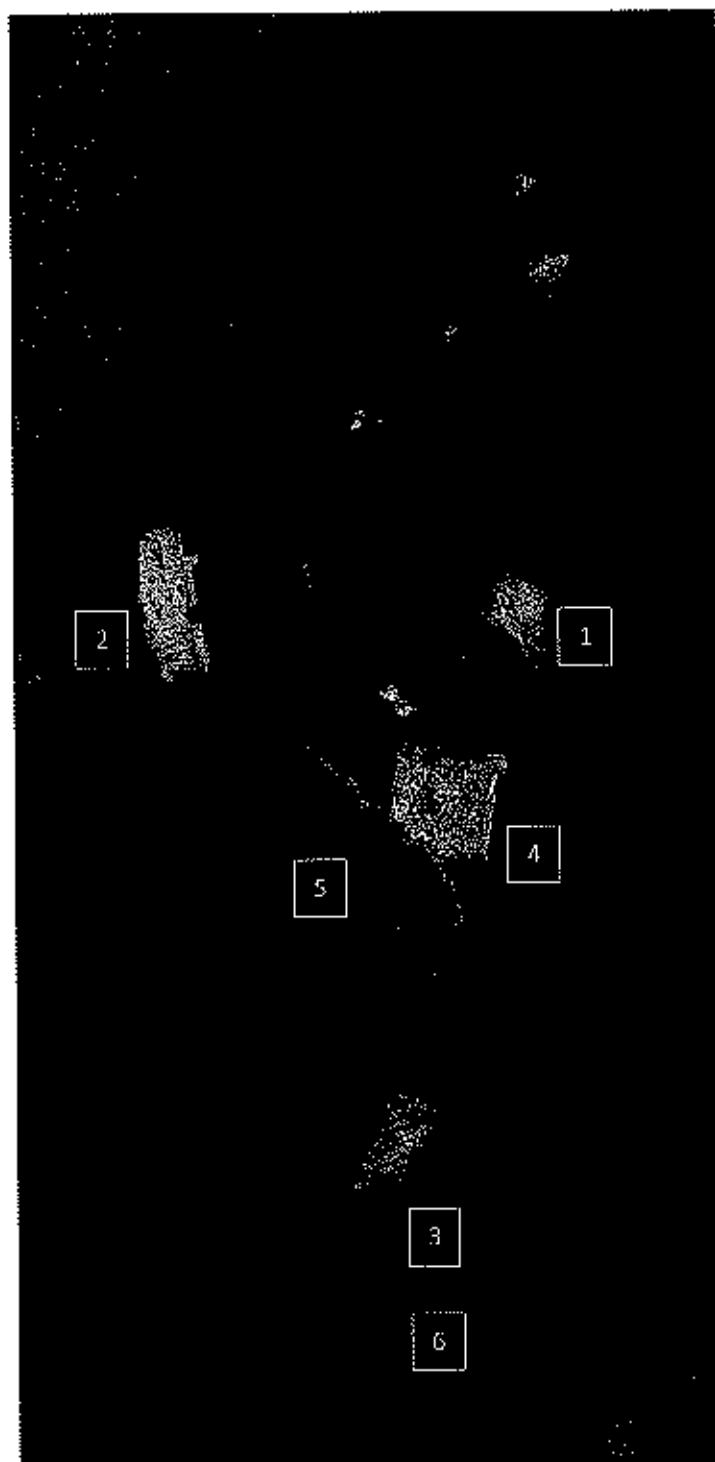


Fig. 2 - Detalhe da Ortofotografia, vendo-se a propriedade municipal e os principais vestígios arqueológicos [1- Telégrafo (séc. XIX); 2 - Muralha Poente e 3 - Muralha Sul (Finais da Idade do Bronze); 4 - Mamoa (Neolítico ?)/Idade do Bronze] e geológicos [5 - Pedreira Poente; 6 - Pedreira Sul]. Abril 2025. (Alfredo Leitão, Multimapa)

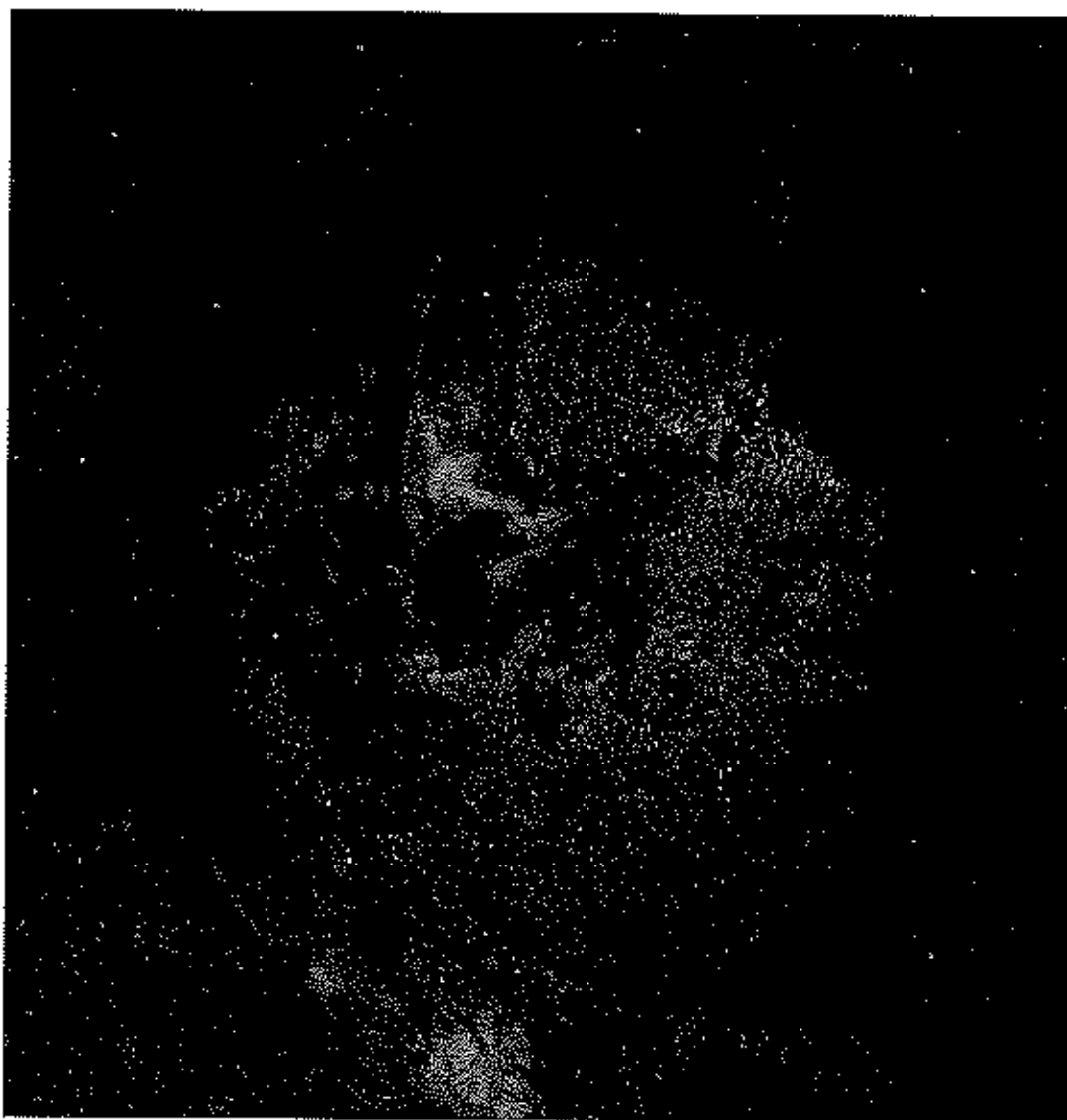


Fig. 3 - Mamoa de São Julião, após os trabalhos de 2024. (Alfredo Leitão, Multimapa)

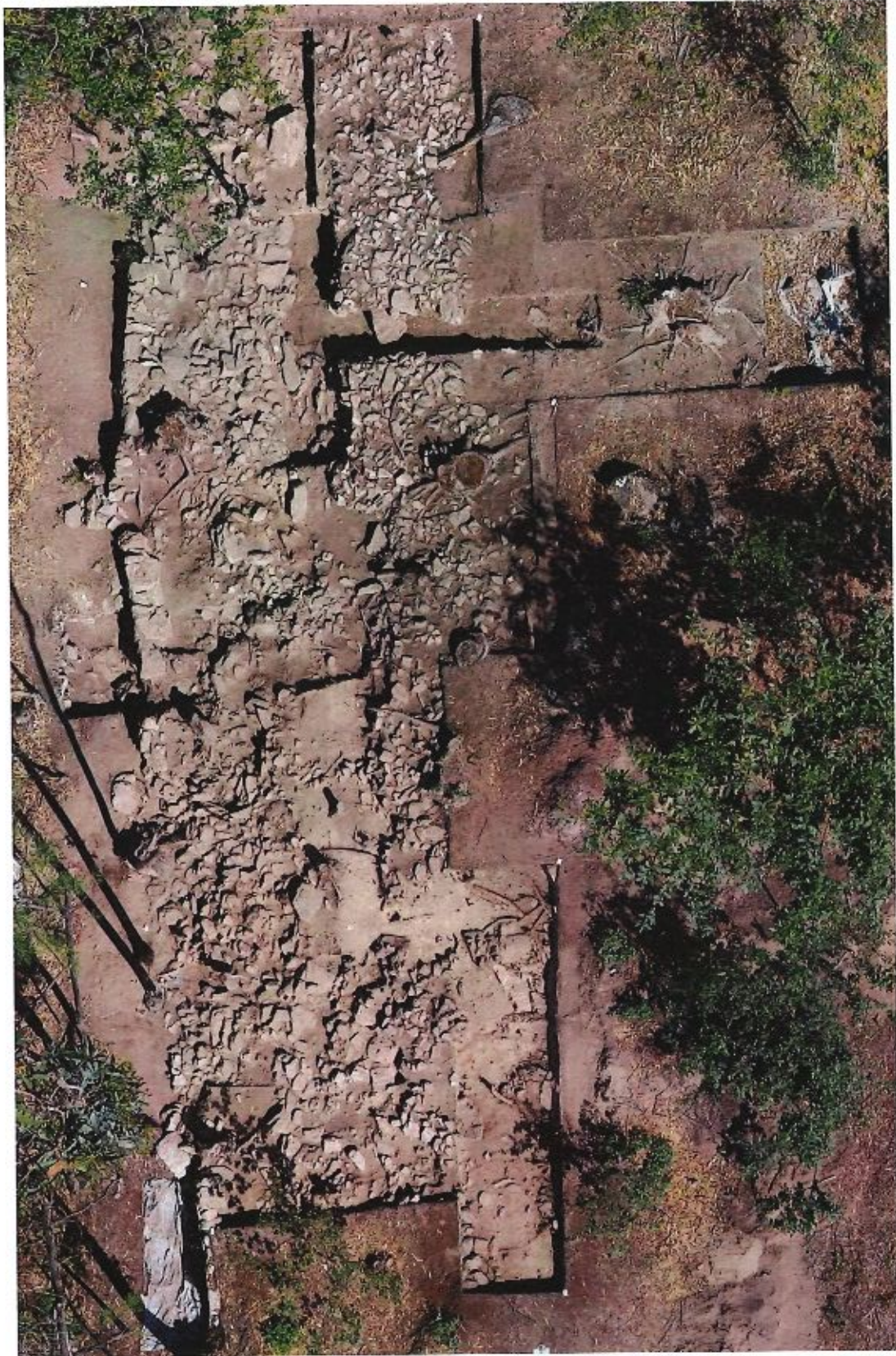


Fig. 4 – Muralha Poente, após os trabalhos de 2020. (Alfredo Leitão, Multimapa)



São Julião -
Ortofotografia 3
3 de agosto 2022

2 metros
CASA ABOLADA

Fig. 5 -
Muralha
Sul, após
os
trabalhos
de 2022.
(João
Silva)



Fig. 6 - Telégrafo de São Julião, após os trabalhos de 2022. (Alfredo Leitão, Multimapa)



Fig. 7. Fragmentos cerâmicos proto-históricos de São Julião.



Fig. 8 - Objetos metálicos proto-históricos, em bronze, recolhidos em São Julião.
(Lâmina de punhal (?); cabo; ponta de seta tipo Palmela e foice tipo Rocanes).



Fig. 9 - Par de brincos proto-históricos, em ouro, de São Julião.



Fig. 10 - Objetos líticos talhados, pré e proto-históricos, recolhidos em São Julião.

ANEXO
PARECERES



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

PARECER

Pretendendo o Município de Albergaria-a-Velha propor às entidades competentes a abertura de um processo de classificação do sítio arqueológico do Monte de São Julião, localizado na freguesia da Branca daquele concelho, cumpre-me, enquanto consultora científica dos projetos de investigação arqueológica que têm enquadrado as escavações e outros trabalhos ali realizados desde 2014, declarar o seguinte:

1. Os trabalhos de escavação arqueológica e estudos complementares levados a efeito pela equipa do projeto e outros investigadores, desde 2014, que têm sido divulgados tanto em publicações locais e regionais como em importantes congressos e outros eventos, revelaram um sítio arqueológico *sui generis* e de características únicas à escala regional e nacional.
2. São Julião constitui o povoado da época do Bronze Final mais escavado, estudado e publicado da região da Beira Litoral. As suas evidências arqueológicas destacam-no claramente entre os «recintos murados» dos começos da proto-história, designadamente pela semelhança das suas estruturas de delimitação e monumentalização com sítios afins de regiões beirãs mais interiores.
3. Por outro lado, a circunstância de subsistir – dentro do perímetro delimitado na proto-história – um monumento funerário, provavelmente de tradição megalítica, incorporado simbolicamente na área de povoado, constitui um caso raro e de extraordinário valor para a investigação da temática das paisagens ocupadas na longa diacronia.
4. A diversidade, quantidade e qualidade dos materiais arqueológicos exumados nas escavações realçam a utilização do sítio durante cerca de dois milénios, desde, pelo menos, o Calcolítico Final/Bronze Inicial (fins do 3º milénio, inícios do 2º milénio a.C.) ao Bronze Final (fim do 2º, inícios do 1º milénio a.C.), quer como espaço funerário, quer como povoado ou centro de reunião regular de comunidades regionais. Os objetos excecionais ali identificados, durante o Bronze Final, evidenciam, além de grande investimento construtivo no local (com muralhas em pedra seca e estruturas em madeira e argila), a prática da metalúrgica (com moldes e cadinhos) e, indiretamente, a mineração de estanho e o intercâmbio suprarregional, para a obtenção de cobre, necessários para a prática daquela atividade. As comunidades do Bronze Final teriam também explorado os bosques existentes e praticado a agricultura.
5. A par destas evidências arqueológicas singulares, aquela elevação foi também selecionada para a instalação, em 1828, de um posto de telegrafia ótica da rede de comunicações que viria a revelar-se fundamental durante a guerra civil portuguesa. Apesar das numerosas referências documentais a instalações análogas, o telégrafo de São Julião («Alto da Branca») foi o primeiro a ser integralmente escavado no nosso país, revelando os muros de diversos compartimentos e – caso ainda mais extraordinário – as cavidades onde terão estado implantados os postes de

madeira que sustentavam o dispositivo de comunicações, acionado a partir do interior da construção.

6. Por fim, este importante sítio arqueológico não constitui apenas objeto de investigação para os especialistas. Com o desenvolvimento dos trabalhos arqueológicos ganhou força a vontade de potenciar outros *patrimónios* do local, levando à aquisição, por parte do Município, da parcela de terreno onde se encontram os vestígios melhor preservados e à implementação de um projeto de conservação, valorização e musealização das ruínas arqueológicas, reconversão florestal, com valorização de espécies arbustivas e arbóreas autóctones, valorização e reconversão da fauna endógena, valorização do património geomorfológico (designadamente com a musealização de duas pedreiras oitocentistas ali existentes) e paisagístico, tudo isto sustentado num projeto de arquitetura paisagista que facilitará a visitação e mediação do sítio, agora nesta perspetiva poliédrica.

Assim, recomendo vivamente e subscrevo a proposta de classificação do Monte de São Julião, sendo bem justificável a sua qualificação como *Imóvel de Interesse Público*, considerando tanto as suas valências arqueológicas e geomorfológicas, como o projeto de conservação, valorização e musealização já em curso. Estes aspetos converterão São Julião num sítio arqueológico visitável de grande significância e um polo de fruição natural e cultural de primeira linha, para as comunidades locais, regionais e de outras proveniências.

Braga, 28 de maio de 2025

Assinado por: **ANA MARIA DOS SANTOS
BETTENCOURT**
Num. de Identificação: 05562336
Data: 2025.05.28 12:30:53 +0100

Ana Maria dos Santos Bettencourt
Professora Catedrática do Departamento de História da Universidade do Minho

ANEXO
PRINCIPAIS
TRABALHOS PUBLICADOS

A IDADE DO BRONZE EM PORTUGAL

discursos de poder

Secretaria de Estado da Cultura
Instituto Português de Museus
Museu Nacional de Arqueologia



O Povoado de S. Julião (Branca, Albergaria-a-Velha, Aveiro)

ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA
FERNANDO A. PEREIRA DA SILVA

O povoado de S. Julião situa-se num cerro aplanado, de contorno aproximadamente oval, com cotas máximas na ordem dos 330 metros. A sua implantação alta e a circunstância de se achar na primeira cordilheira de relevos significativos que marcam a transição entre as planícies litorais do Baixo-Vouga e os contrafortes da Serra do Arestal permitem que do povoado se domine visualmente uma área vastíssima, especialmente para Oeste, até ao Atlântico, de que se distancia cerca de 20 km.

Vários autores apontaram a existência, neste local, de um castro, uns indicando muralhas e noticiando achados de superfície correspondentes a um povoado proto-histórico romanizado (Almeida 1946:40-2); outros, mais cépticos, negando a veracidade de tais informes (Gonçalves 1981:59); outros ainda, em tom mais prudente, confirmando a presença de estruturas defensivas, mas confessando não serem visíveis restos de habitações nem outros vestígios superficiais (Souto 1942:31).

A confirmação desta estação arqueológica, se bem que com carácter algo diverso daquele que lhe era apontado, coincidiu com a destruição recente de uma parte muito significativa do povoado por acção de trabalhos de florestação com eucalipto, o que levou à realização em 1993 e 1994 de duas curtas campanhas de sondagem e reconhecimento da área arqueológica (Silva, A.M. & Silva, F.A.P. 1992; 1993; em preparação).

O povoado, que ocupa uma extensão de cerca de um hectare, é defendido por uma muralha pétreo cujo alicerce, de blocos de xisto e granito, de pequena e média dimensão foi já detectado em duas sondagens no rebordo Oeste do platô.

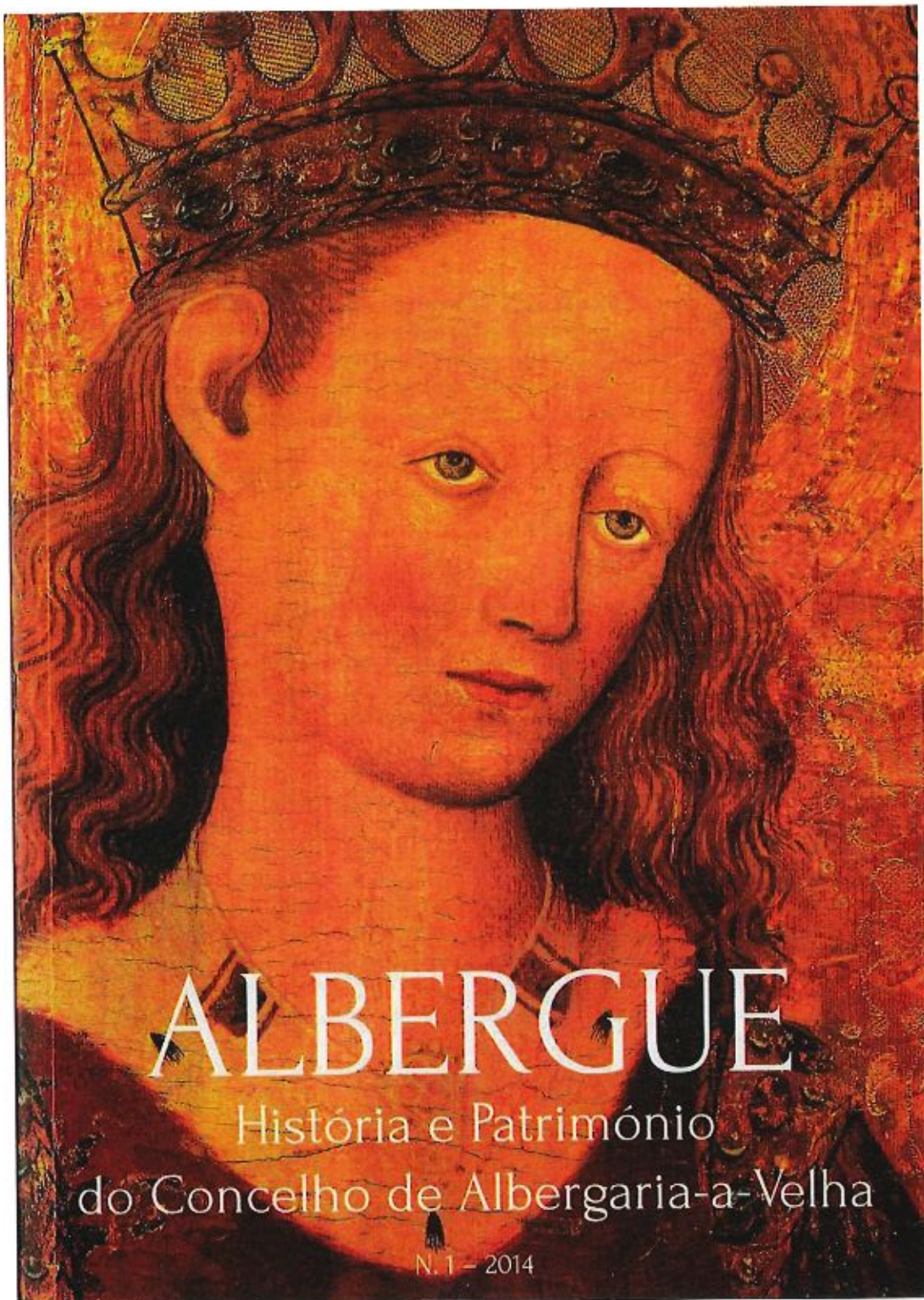
Os dados das sondagens efectuadas apontam para a existência de áreas domésticas constituídas por cabanas de materiais perecíveis com a base delimitada por blocos de pedra ou tallada no afloramento original. Foram encontrados fragmentos de barro com impressões vegetais, destinados por certo a calafetar e a dar consistência às paredes das habitações, bem como um buraco de poste e um espaço habitacional definido por pedras dispostas grosseiramente em arco de círculo, sector em que igualmente se localizou o fragmento de uma mó manual.

O espólio recolhido caracteriza-se pela grande abundância e uniformidade dos materiais cerâmicos, estando praticamente ausentes os utensílios líticos e sendo inexistentes, até ao momento, quaisquer restos metálicos. A

observação da cerâmica de S. Julião permite, numa primeira análise, apreender um mundo bastante homogêneo de olarias comuns, manuais, de pastas mal cozidas e superfícies com alisamento grosseiro, na sua quase totalidade sem qualquer decoração, à excepção de raras peças em que linhas esculpidas dão às superfícies um aspecto ondulado, ou ainda de alguns bordos denteados ou com golpeamentos. Um grupo bastante minoritário é composto por fragmentos cerâmicos de pastas mais cuidadas e superfícies polidas, surgindo peças afins aos tipos conhecidos na linguagem arqueológica como *Baiões*/Sta. Luzia.

A apreciação global do espólio e das condições do sítio possibilitam enquadrar esta estação no vasto quadro de povoados do Bronze Final que por todo o Noroeste peninsular marcou, na transição do II para o I milénio a.C. a emergência de novas estratégias de ocupação do espaço, de selecção da área do habitat e certamente de novos modelos sócio-económicos, como sínteses recentes têm salientado (Silva, A.C.F. 1986; Martins 1990).

A existência de um único nível estratigráfico de ocupação, de pouca espessura, e a homogeneidade do espólio cerâmico, associados à sugestão de um certo arcaísmo dos materiais arqueológicos permitem propor para S. Julião uma cronologia relativamente estreita e antiga nos povoados destes contextos, talvez em torno de 1100-900 a.C., o que apenas a prossecução dos trabalhos arqueológicos ou a eventual possibilidade de datações absolutas poderão aferir mais convenientemente.



DOS VESTÍGIOS DO PASSADO AO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

Algumas reflexões sobre a Arqueologia de Albergaria-a-Velha

António Manuel S. P. Silva *

Bem sei que nem a Arqueologia nem a Ethnographia moderna restaurarão as finanças do país, se estas se perderem; todavia, como o viver de um povo não é exclusivamente material, aquellas sciencias contribuem para que, pela investigação exacta e conscienciosa dos elementos da nossa nacionalidade, o sentimento d'esta se radique com solidez nas multidões, e os ânimos, entibiados pela contemplação dos males actuaes, avancem com esperanza e audacia, escudados no amor santo da pátria.

] Leite de Vasconcelos, 1895¹

Um século de arqueologia

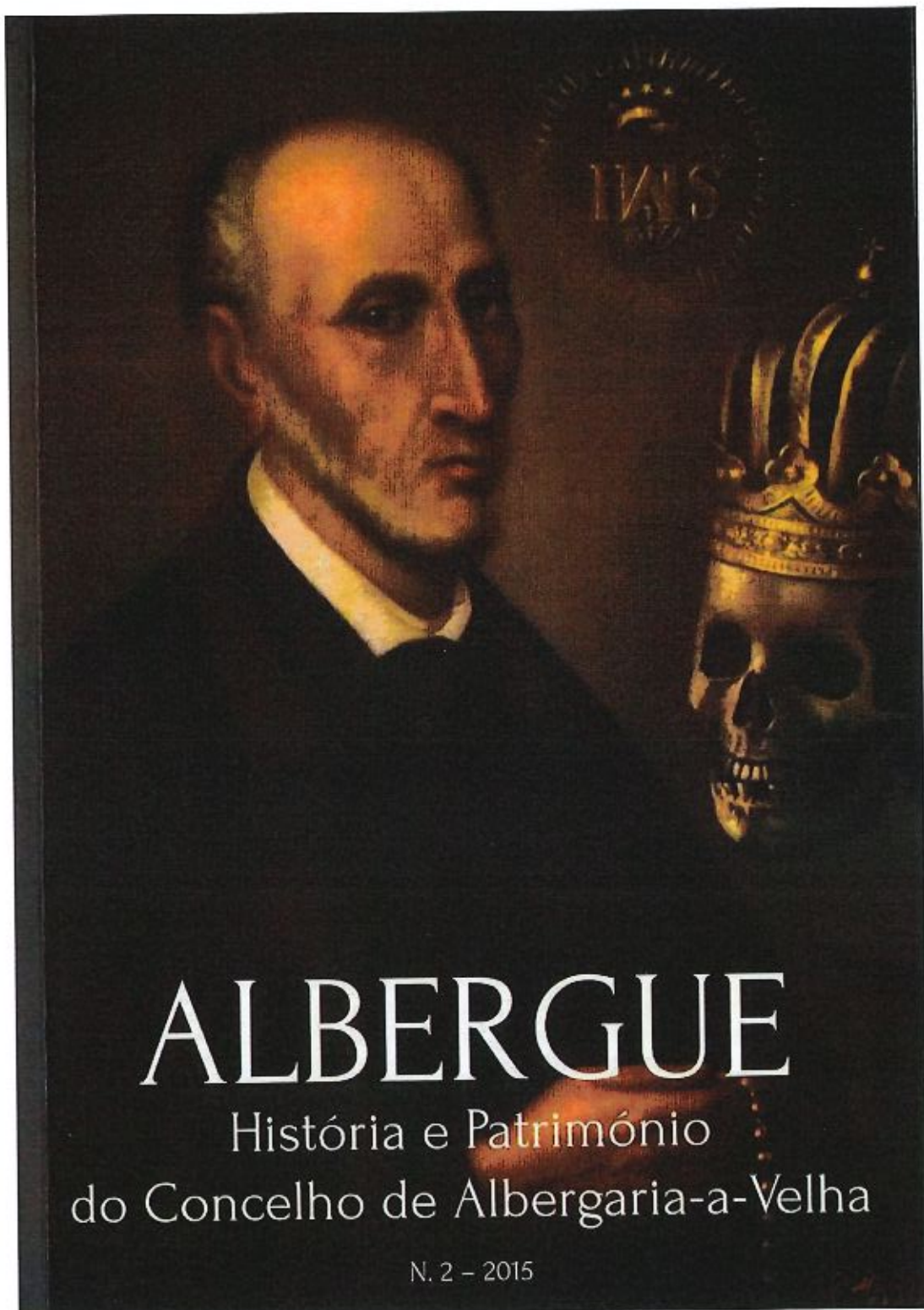
Saiu da pena do Doutor José Leite de Vasconcelos (1858-1941), insigne linguista, filólogo, etnógrafo e um dos pais fundadores da arqueologia em Portugal, a epígrafe com que abrimos estas reflexões e que mantém, a nosso ver, grande actualidade, salvo talvez o acentuado tom nacionalista, hoje um pouco mitigado pela consciência de que a herança do nosso passado ultrapassa muitas vezes fronteiras e nacionalidades; e a desvalorização, totalmente compreensível à época, do potencial económico do património arqueológico e etnográfico.

Mas a evocação do testemunho daquele sábio é também significativa porque a ele se deve a primeira notícia publicada sobre as antiguidades arqueológicas do município de Albergaria-a-Velha. Nos finais do Verão de 1911, Leite de Vasconcelos, director e fundador, em 1893, do Museu Ethnológico Português, actual Museu Nacional de Arqueologia, deslocou-se a Albergaria-a-Velha, no quadro das inúmeras excursões que fez por todo o País para observação de monumentos arqueológicos e recolha de informações e objectos para o museu. A visita teve origem num convite do seu amigo Patrício Theodoro Álvares Ferreira (1846-1932), notável cidadão albergariense que se distinguiu como professor, historiador, jornalista e autarca, neste domínio servindo longos anos como Administrador do Concelho e posteriormente como presidente da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha².

* Arqueólogo na Administração Local. Investigador do Centro de Arqueologia de Arouca e do CITCEM (Universidades do Minho e Porto). Tem desenvolvido investigação, entre outros temas, sobre a proto-história e romanização da região do Entre Douro e Vouga, tendo dirigido trabalhos arqueológicos nos concelhos de Arouca, Porto, Vila Nova de Gaia, Espinho, Estarreja, Vale de Cambra, Albergaria-a-Velha, Aveiro, etc. Bolseiro do Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia na Universidade de Santiago de Compostela.

¹ "Museu Ethnographico Português". *Revista Lusitana*, Porto, vol. 3 (1895), p. 246-247.

² Cfr. FERREIRA; VIGÁRIO 2010: 575-6, e FERREIRA 2011, com remissão para outra bibliografia sobre a vida e obra desta personalidade.



ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS EM SÃO JULIÃO DA BRANCA (ALBERGARIA-A-VELHA) CAMPANHAS DE 2014-2015

*António Manuel S. P. Silva**

*Gabriel R. Pereira***

*Paulo A. P. Lemos****

*Sara Almeida e Silva*****

Introdução

São conhecidos na área do município de Albergaria-a-Velha apenas três sítios arqueológicos que podem remontar à época proto-histórica, sendo muito diferente a informação disponível para a sua caracterização e afecção cronológica. No monte de São Julião (freguesia da Branca), local a que se reporta este trabalho, foram já efectuadas sondagens arqueológicas em 1993-1994 e 2014-2015 e é clara a sua atribuição aos finais da Idade do Bronze ou começos da Idade do Ferro, não havendo por ora qualquer indício de romanização; no sítio de Cristelo, situado na mesma freguesia, desenvolveram-se escavações em 1980, 1982 e 1983 e a generalidade dos vestígios encontrados parece remeter para os primeiros séculos do domínio romano, discutindo-se todavia uma ocupação prévia que de algum modo justifique o topónimo que assinala o lugar¹; por fim também no Cabeço de Mouros (Ribeira de Fráguas) parecem observar-se evidências de uma linha muralhada delimitando o topo da elevação, podendo corresponder a um outro povoado pré-romano, mas não é possível adiantar qualquer classificação do sítio sem que se efectuem trabalhos arqueológicos específicos (Silva 2014: 36-40).

Neste trabalho pretendemos dar a conhecer o relatório e discutir os resultados das escavações arqueológicas realizadas em 2014 no povoado de São Julião da Branca (Silva *et al.* 2015). Como entretanto, já neste ano de 2015, foi ali levada a cabo nova campanha de escavações, não deixaremos de registar pequenas notas de actualização, no texto e através de fotografias, com os dados de 2015, se bem que os elementos desta última intervenção estejam ainda a ser tratados para divulgação em tempo oportuno.

Numa síntese preliminar, importa desde já salientar que os trabalhos arqueológicos têm vindo a demonstrar uma significativa perturbação dos depósitos, já de si de escassa possança, em resultado das ações de florestação. Na sondagem 1, situada numa área relativamente central e aplanada da plataforma superior, não foi possível aferir totalmente, pese a significativa quantidade de espólio cerâmico aí recolhido e outras evidências

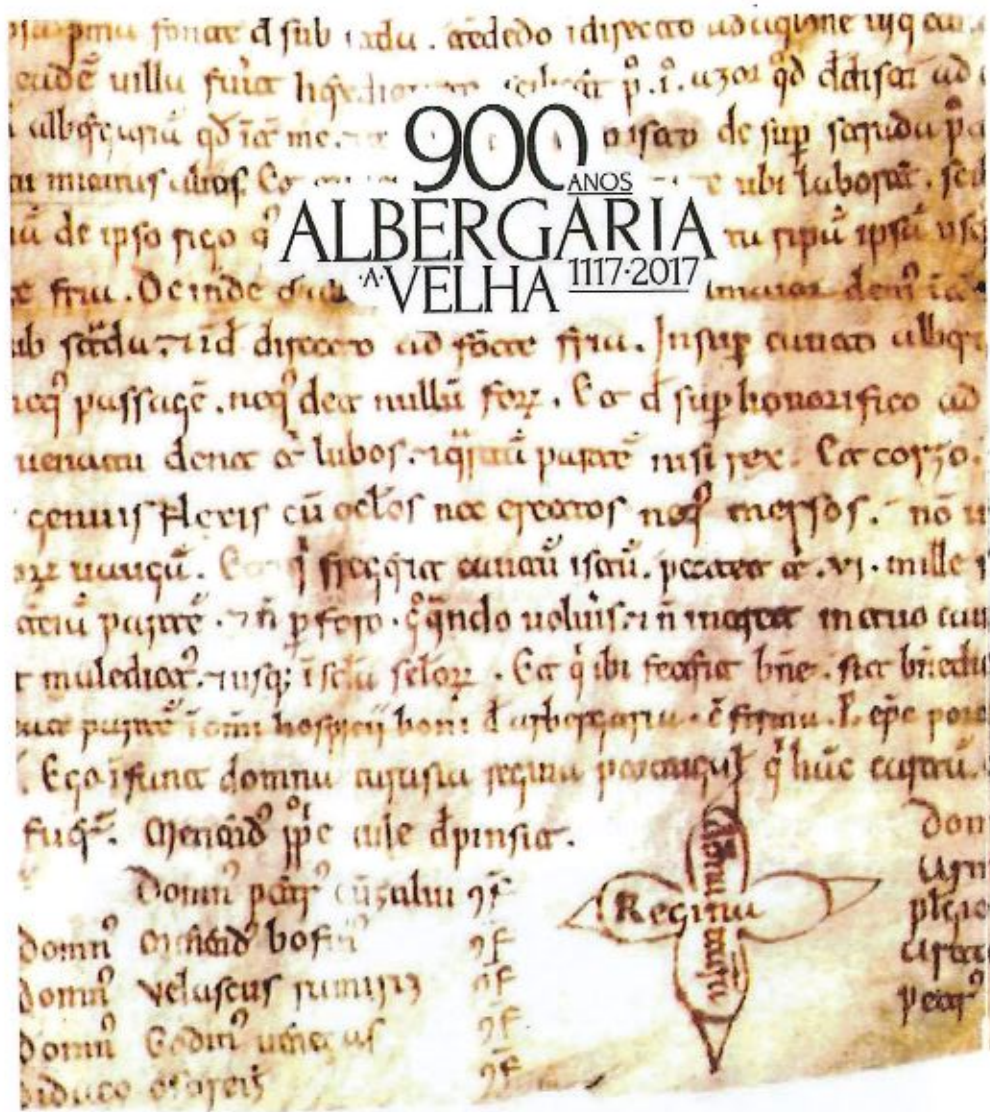
* Arqueólogo. Centro de Arqueologia de Aveiro. Investigador do CITCEM (UP). Bolsário de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (Univ. Santiago de Compostela). anspsilva@hotmail.com.

** Arqueólogo. Centro de Arqueologia de Aveiro. Investigador do CITCEM (UP). Projecto PROBA. pereira.gr@gmail.com

*** Arqueólogo. Centro de Arqueologia de Aveiro. Projecto PROBA. paplemos@gmail.com

**** Arqueóloga. Centro de Arqueologia de Aveiro. Projecto PROBA. saramalmeidasilva@gmail.com

¹ Ver texto próprio nesta mesma revista.



DAS ORIGENS A OSSELOA

EXPOSIÇÃO

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE ALBERGARIA-A-VELHA
 11 A 30 NOVEMBRO 2017

O POVOADO PROTO-HISTÓRICO DE SÃO JULIÃO DA BRANCA

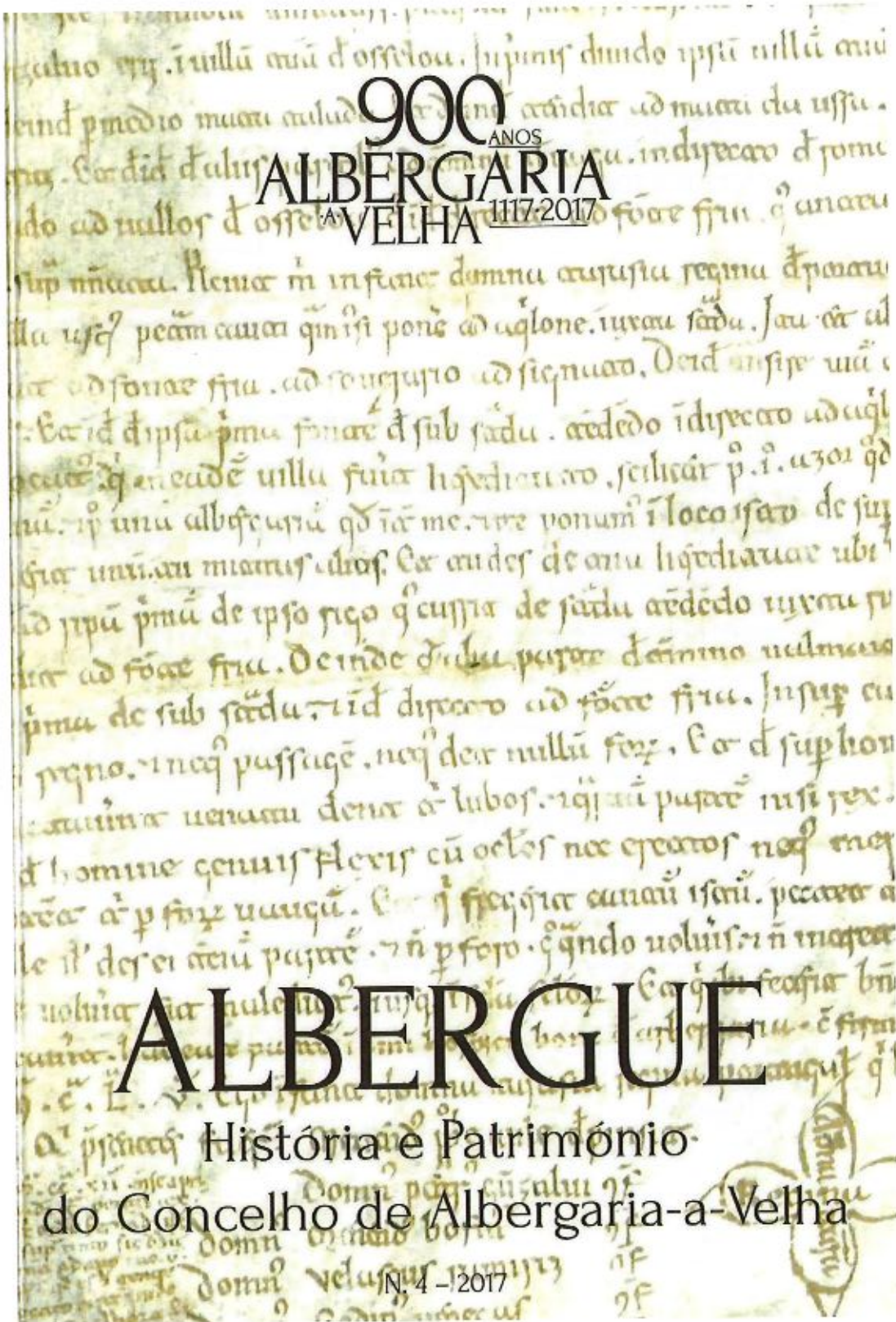
ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA

O Monte de São Julião, na freguesia da Branca, esconde alguns dos mais antigos vestígios da ocupação do território do concelho de Albergaria-a-Velha.

Situado num cerro aplanado, de contorno aproximadamente oval, não vai além dos 330 metros de altitude, mas a sua implantação destaca-se na paisagem por se encontrar sobre a primeira cordilheira de relevos significativos que marcam a transição entre as planícies litorais do Baixo-Vouga e os contrafortes da Serra do Areal. Nos dias mais limpos, o domínio visual do sítio permite alcançar o Oceano Atlântico, do qual dista cerca de 20 quilómetros.



Localização do Monte de São Julião (foto GoogleEarth)



900 ANOS
ALBERGARIA
VELHA 1117-2017

ALBERGUE

História e Património
do Concelho de Albergaria-a-Velha

IN. 4 - 2017

SÃO JULIÃO DA BRANCA E O POVOAMENTO DO ENTRE DOURO E VOUGA NA TRANSIÇÃO ENTRE A IDADE DO BRONZE E A IDADE DO FERRO

*António Manuel S. P. Silva**

*Gabriel R. Pereira***

*Paulo A. P. Louros****

*Sara Almeida e Silva*****

Introdução

A presença de vestígios arqueológicos nos altos da cumada ou “serra” – como é referida em algumas fontes – de São Julião, na freguesia da Branca, encontra-se documentada pelo menos desde os começos do século XVII, aumentando em número, que não em detalhe ou rigor, os informes de estudiosos ou curiosos desde finais do século XIX e ao longo da última centúria, sendo dispensável repetir os dados então viados a público ou as respectivas referências, uma vez que já o fizemos noutras publicações, nomeadamente nas páginas desta revista (Silva 2014; Silva *et al.* 2015; Silva *et al.* 2016).

O que, não obstante, interessa recordar é que todas essas antigas referências literárias ou documentais reportam-se a um local, ou locais, nunca cartografados ou identificados com inequívoca precisão nas respectivas fontes e autores, não podendo por isso afirmar-se com total segurança a total identidade entre aqueles registos e o sítio arqueológico que desde 1993 vem sendo investigado com as ferramentas da moderna ciência arqueológica e cujos limites exactos, aliás, ainda não puderam definir-se com clareza.

Por outro lado, deve também observar-se que a par da continuada acção do homem – desde há pelo menos uns 4500 anos – nos altos de São Julião, a última geração foi responsável por intervenções mais intrusivas e destrutivas que todas as outras nesses milhares de anos, considerando a expansão da florestação sistemática, que provavelmente remontará a meados do século XX, e mais recentemente o plantio mecânico de espécies de crescimento rápido, que destruiu inapelavelmente a maior parte dos vestígios arqueológicos das ocupações antigas, restando quase exclusivamente com menor afectação negativa a “ilha” de floresta mista onde vêm decorrendo as escavações. E mesmo ali, exige-se um enérgico exercício de imaginação para descobrir nos muros arruinados da estrutura de delimitação do prado a muralha relativamente imponente que parece ver-se na fotografia publicada por Afonso Souto há 75 anos (Souto 1942: 41).

* Arqueólogo, Centro de Arqueologia de Aveia, Investigador do CITEAM (I.P.), Bolseiro de Desenvolvimento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH-BD-95469/2013) na Universidade de Santiago de Compostela, amspsilva@hotmail.com

** Arqueólogo, Centro de Arqueologia de Aveia, Investigador do CITEAM (I.P.), Projecto PRUBA, percira.gri@gmail.com

*** Arqueólogo, Centro de Arqueologia de Aveia, Projecto PRUBA, papdemas@gmail.com

**** Arqueóloga, Centro de Arqueologia de Aveia, Projecto PRUBA, saraalmeidasilva7@gmail.com

Noelia Hernández Gutiérrez, Javier Larrazabal Galarza
Rodrigo Portero Hernández. (Coordinadores)



Arqueología en el Valle del Duero

Del Paleolítico a la Edad Media



**INVESTIGACIONES ARQUEOLÓGICAS
EN EL VALLE DEL DUERO:
DEL PALEOLÍTICO A LA EDAD MEDIA**

6

glyphos
Publicaciones

A IDADE DO BRONZE NA MARGEM SUL DO BAIXO DOURO SÍTIOS E PISTAS DE INVESTIGAÇÃO

António Manuel S. P. SILVA

Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia na Universidade de Santiago de Compostela; Centro de Arqueologia de Arouca; CITCEM
Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (UP)

Gabriel R. PEREIRA

Centro de Arqueologia de Arouca; CITCEM
Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (UP)

Paulo A. P. LEMOS

Centro de Arqueologia de Arouca

Sara ALMEIDA e SILVA

Centro de Arqueologia de Arouca

RESUMO

Tomando como área de observação a margem sul do Baixo Douro, apresenta-se uma síntese dos conhecimentos sobre a ocupação da Idade do Bronze, com base num levantamento de povoados, sítios de fossas, arquiteturas funerárias, depósitos metálicos e sítios de arte rupestre, sublinhando as evidências arqueológicas mais marcantes de cada um dos grupos. Assim, entre os povoados destaca-se a variabilidade das estruturas de delimitação e a escassez de vestígios de atividades domésticas, sendo também diversos os dispositivos e arquiteturas funerárias. Na arte rupestre sublinha-se a quase exclusividade dos motivos esquemáticos, denunciando alguma monotonia iconográfica, enquanto a informação sobre os depósitos votivos é bastante dispersa e lacunar.

Palavras-chave: Baixo Douro, Idade do Bronze, Povoados, Sepulturas, Depósitos; Arte rupestre

Oppidum

Revista de Arqueologia, História e Património



Câmara Municipal de Lousada
número 11 | 2018-2019



Cerâmica proto-histórica do povoado de São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha): estudo preliminar

Sara F. B. Almeida e Silva^{*}, António Manuel S. P. Silva^{**},
Paulo A. P. Lemos^{***} e Gabriel R. Pereira^{****}

RESUMO

O artigo apresenta uma primeira tentativa de sistematização dos materiais cerâmicos recolhidos nos trabalhos arqueológicos realizados no sítio de São Julião (Branca, Albergaria-a-Velha, Aveiro), em 1993-1994 e 2014-2017.

A investigação até agora realizada no povoado, cuja ocupação se insere no Bronze Final, permitiu a identificação de um troço da estrutura de delimitação perimetral e de uma mamoa dentro do perímetro do povoado. Os trabalhos propiciaram também a recolha de abundante espólio arqueológico, maioritariamente cerâmico, que se apresenta bastante homogéneo.

PALAVRAS-CHAVE

Cerâmica proto-histórica; Bronze Final; Albergaria-a-Velha; Portugal.

ABSTRACT

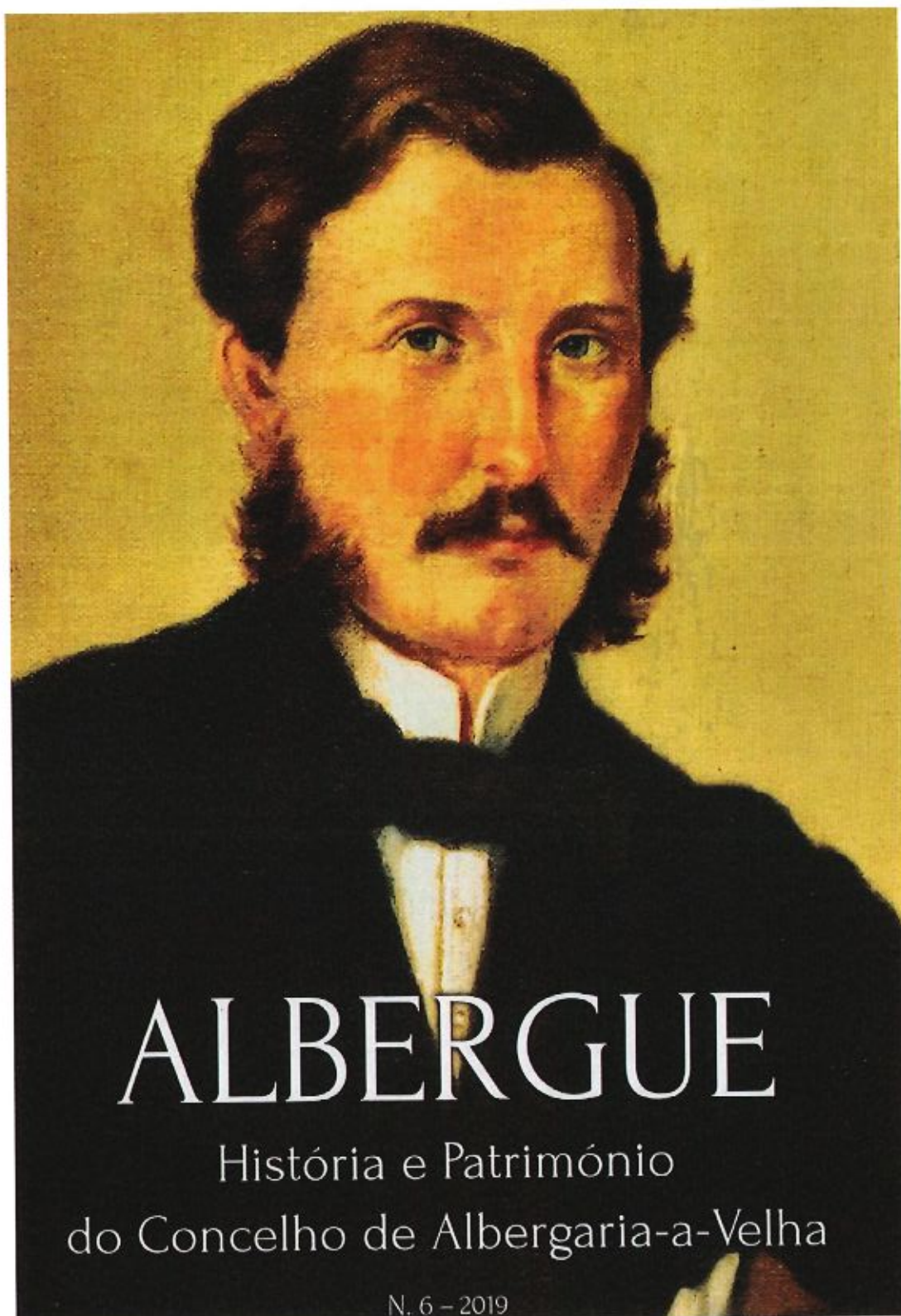
This text is the first essay of a systematic study on the ceramic materials provided by the archaeological works which were done at the site of São Julião (Branca, Albergaria-a-Velha, Aveiro), in 1993-1994 and 2014-2017.

Research projects in this settlement, which offers evidence of a main human occupation in the Late Bronze Age (10th-9th centuries BC), started in 1993-1994, with a more recent phase of diggings, and revealed, namely, part of the perimetral delimitation structure of the settlement, as well as a pre-historic(?) funerary mound just inside the settlement walls. Excavations and surface surveying also provided a great amount of archaeological finds, mostly ceramic sherds, seemingly very homogeneous by technical or decorative points of view.

KEYWORDS

Proto-historic pottery; Late Bronze Age; Albergaria-a-Velha; Portugal.

^{*} Projeto de investigação arqueológica PROBA - Proto-história da Bacia do Antuá, Centro de Arqueologia de Aveiro.
^{**} Coordenador do Proj. de Inv. Arqueológica PROBA - Proto-história da Bacia do Antuá, Centro de Arqueologia de Aveiro.
^{***} PROBA - Proto-história da Bacia do Antuá, Centro de Arqueologia de Aveiro.
^{****} PROBA - Proto-história da Bacia do Antuá, Centro de Arqueologia de Aveiro.



ALBERGUE

História e Património
do Concelho de Albergaria-a-Velha

N. 6 – 2019

PROJETO DE VALORIZAÇÃO DO SÍTIO DO ALTO DO TALÉGRE/SÃO JULIÃO (BRANCA, ALBERGARIA-A-VELHA) Investigar o Passado e (re)construir memórias

António Manuel S. P. Silva¹

Vidite Martins de Sá^{2}*

*Paulo André de Pinho Leiros^{3**}*

*Sara Almeida e Silva^{4***}*

Introdução

Um sítio arqueológico, seja qual for a sua cronologia ou monumentalidade, constitui para o arqueólogo um objeto de estudo cuja pesquisa convoca diversas valências ou, dizendo talvez melhor, diferentes impactos potenciais. Na maior parte dos casos, do estudo dos sítios decorrem resultados cuja difusão praticamente se esgota em conferências ou publicações mais ou menos académicas, ainda que possa existir alguma divulgação à escala local e o conhecimento da história regional seja naturalmente enriquecido; em proporção bem menor, as intervenções arqueológicas desvendam ruínas, objetos ou outros indícios que, por um conjunto de circunstâncias, parecem sugerir a conservação dos achados imóveis e a sua oferta à comunidade como um novo recurso cultural⁵.

Quais são essas circunstâncias? Ao contrário do que possa pensar-se são normalmente pouco intrínsecas ao sítio arqueológico. Claro que se de uma escavação arqueológica resultarem ruínas excepcionalmente bem preservadas, de particular raridade ou notório interesse artístico, a conveniência da sua conservação oferece-se com naturalidade. Mas a maior parte dos vestígios da vida humana em tempos passados são significativamente «mútuos», ou seja, comunicam essencialmente através do discurso do arqueólogo ou requerem especial sensibilidade por parte dos decisores administrativos e políticos, a diferentes escalas, para a sua preservação e eventual musealização, considerando o contexto do achado e os custos e responsabilidades que tal decisão implica.

¹ Arqueólogo, Centro de Arqueologia de Arcozelo, Coordenador do projeto VAL-JUL19-21 - Estudo, conservação e valorização do sítio arqueológico de São Julião (Branca, Albergaria-a-Velha). amasilva@igmail.com

² Arqueóloga, Centro de Arqueologia de Arcozelo, Projeto VAL-JUL19-21 - Estudo, conservação e valorização do sítio arqueológico de São Julião (Branca, Albergaria-a-Velha). viditesa@igmail.com

³ Arqueólogo, Centro de Arqueologia de Arcozelo, Projeto VAL-JUL19-21 - Estudo, conservação e valorização do sítio arqueológico de São Julião (Branca, Albergaria-a-Velha). papleiros@igmail.com

⁴ Arqueóloga, Centro de Arqueologia de Arcozelo, Projeto VAL-JUL19-21 - Estudo, conservação e valorização do sítio arqueológico de São Julião (Branca, Albergaria-a-Velha). saraalmeidasilva@igmail.com

⁵ Esta perspetiva diz respeito aos trabalhos arqueológicos enquadrados em projetos de investigação programada (de acordo com o Regulamento de Trabalhos Arqueológicos, DL n.º 164/2014, de 04 de nov.), que na verdade representam na atual prática arqueológica uma proporção praticamente residual. Na arqueologia profissional preventiva ou de salvaguarda que constitui a generalidade da atividade, esta dicotomia também pode aplicar-se, mas naturalmente a primazia é dada ao registo das materialidades arqueológicas, e apenas os casos de achados excecionais que proporcionam oportunidade de conservação e valorização requerem normalmente estudo mais aprofundado.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

SÃO JULIÃO DA BRANCA (ALBERGARIA-A-VELHA) INVESTIGAÇÃO E VALORIZAÇÃO DE UM POVOADO DO BRONZE FINAL

António Manuel S. P. Silva¹, Paulo A. P. Lemos², Sara Almeida e Silva³, Edite Martins de Sá⁴

RESUMO

O sítio arqueológico de São Julião é um povoado do Bronze Final, situado na plataforma litoral do Entre Douro e Vouga, que tem sido objeto de projetos de investigação sistemática desde 2014. As suas estruturas mais marcantes são a muralha pétreo que delimitava o recinto e um monumento megalítico, violado ou reutilizado em época moderna ou contemporânea. O espólio arqueológico integra um significativo conjunto cerâmico, objetos em pedra e metais, com destaque para um par de brincos em ouro, porventura relacionados com a evidência de metalurgia que se observa no local. Atualmente, está em curso um programa de conservação e valorização da estação arqueológica, com o apoio do Município.

Palavras-chave: Povoado, Idade do Bronze Final, Mamoa, Conservação e valorização, Albergaria-a-Velha.

ABSTRACT

The archaeological site of *São Julião* is a Late Bronze Age settlement, located on the coastal platform between Douro and Vouga rivers, which has been the subject of systematic research projects since 2014. Its most striking structures are the stone wall that delimited the enclosure and a megalithic mound, violated or reused in modern or contemporary times. The archaeological collection includes a significant set of ceramics, objects in stone and metals, with emphasis on a pair of gold earrings, perhaps related to the evidence of metallurgy that is observed in the place. Currently, a site's archeological conservation and enhancement program is underway, with the support of the Municipality.

Keywords: Settlement, Late Bronze Age, Megalithic mound, Archaeological Conservation and enhancement, Albergaria-a-Velha.

1. O SÍTIO E A SUA INVESTIGAÇÃO

O povoado de São Julião (Branca, Albergaria-a-Velha) situa-se na primeira cordilheira de relevos significativos que marcam a transição entre as planícies litorais do Baixo Vouga e os contrafortes da

Serra do Arestal. Ocupa uma elevação de configuração ovalada, com cerca de dois hectares de superfície e à cota de 330 metros⁵, com uma excelente visibilidade envolvente, sobretudo sobre a planície atlântica (Figura 1).

Desde há muito referenciado na historiografia re-

1. CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço, Memória (Univ. Porto); Centro de Arqueologia de Aveiro. Coordenador do projeto VAL-JUL; amspsilva@hotmail.com.

2. Centro de Arqueologia de Aveiro. Investigador do projeto VAL-JUL; paplemos@gmail.com.

3. Centro de Arqueologia de Aveiro. Investigadora do projeto VAL-JUL; saraalmeidasilva@gmail.com.

4. Centro de Arqueologia de Aveiro. Investigadora do projeto VAL-JUL; editeusa@gmail.com.

5. 40.770672 lat. N.; -8.470219 long. E.

Late Prehistoric Fortifications in Europe: Defensive, Symbolic and Territorial Aspects from the Chalcolithic to the Iron Age

Proceedings of the International Colloquium 'FortMetalAges',
Guimarães, Portugal



edited by

Davide Delfino, Fernando Coimbra, Daniela Cardoso and Gonçalo Cruz

Walls and Castros. Delimitation structures in the proto-historic settlements of Entre Douro and Vouga region (central-north Portugal)

António Manuel S.P. Silva and Gabriel R. Pereira

Abstract

Based upon a review of the available archaeological evidence, this contribution analyses the walls and other structures of delimitation of the proto-historic settlements located in the coastal region between the Douro and Vouga rivers, and with occupation between the end of the Bronze Age and the first periods of the Roman conquest. Focusing on this defining element of the 'castros culture' of NW Iberia, the text highlights, amongst others, the sites of São Julião (Albergaria-a-Velha), Cidade (Arouca) and Castro de Salreu (Estarreja), discussing the material evidence of their delimitation structures, apparently lacking of defensive effectiveness. Reinforced embankments, retaining walls or ditches are some of the aspects of the strategies of architectural limitation of the settlements, in a significant variety of local options and adaptations over the course of about a millennium.

Keywords: Portugal, proto-history, Castros Culture, walls, ditches, ramparts

Walls and Castros

This short contribution focuses on particular archaeological evidence from pre-Roman settlements in the north-western Iberian Peninsula – specifically walls or other defensive or delimitation features of its hillforts, irrespective of their size or presumed regional status.

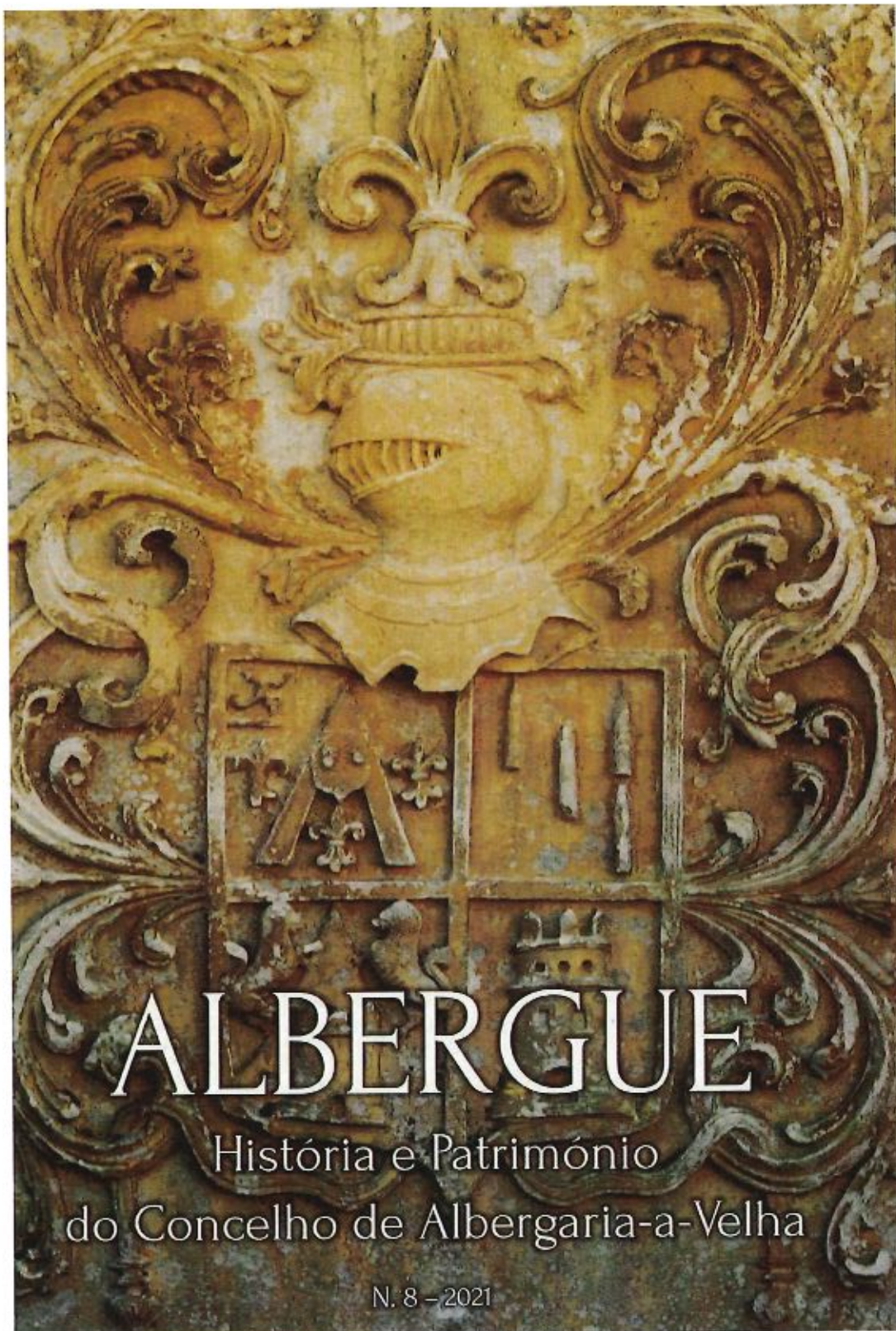
During the first millennium BC, broadly corresponding to the late Bronze and Iron Ages, until the regular establishment of Roman domination, which occurred in this region in the second half of the 1st century BC, hillforts, or the *Castros Culture* – as it is commonly known since Bosch-Gimpera (1921: 264, 287) first coined the term – spread through NW Iberia in a region that is currently distributed between the Spanish communities of Galicia, a part of Asturias, Castilla-Laón, and north and central-north Portugal.

Despite some debate, the concept of a *castros culture* has been a focus since the last decades of the 20th century on account of its conventional and historical-cultural framework (Böck 1980: 67-70; Martins 1988: 13-21; 1990 [1987]: 20-53). Attempts have been made to assemble in a material (and assumed cultural) package a set of settlement types, art styles, and assemblages of ceramics or other artefacts which clearly share some similar traits. However differences in these evidences become more noticeable when observed on a larger geographical scale, as well as in smaller regional studies, yet the concept is still commonly used as a general and easily understandable label for proto-historical communities. In this perspective, the

geographical area considered in this study, the Atlantic fringe located between the rivers Douro and Vouga, is generally said to correspond to a peripheral territory of some kind, where the core traces of archaeological culture are presumed to be progressively different from those of northern Portugal.

In the way how archaeological cultures were understood from the beginning of *castros* historiography – largely following Kossina's proposals about the general coincidence of some types of artefacts and other material evidence with particular communities or people (Kossina 1911; Fernández Götz 2009: 25-32) – the defensive structures of sites were seen as one of the main features of that settlement type. The fortification systems, composed of stone walls, ditches and ramparts, in a more or less sophisticated organisation, were considered as general indicators of any *castro* and the military purposes of these structures were not disputed, being commonly related to the conflicts of the indigenous peoples, following the ethnological topos of Strabo's *Geography* concerning the 'brigandage and (...) continuous warfare both with each other and with their neighbours' of the 'about thirty different tribes [who] occupy the country between the Tagus and the Ardebrians' (III, 3, 5, according to Jones 1923).

Despite many studies of *Castros Culture* (Silva [1986] 2007a; Martins 1990; Queiroga [1992] 2003; Alarcão 1992; Peña Santos 1992; Caló 1993; Carballo 1996; Peña Santos; Vazquez Varela 1996), comprehensive surveys of fortifications, or other types of enclosures and defences associated with these proto-historic villages are rare. The studies we have are within a very limited time-



ALBERGUE

História e Património
do Concelho de Albergaria-a-Velha

N. 8 - 2021

DO POVOADO DA IDADE DO BRONZE AO *TALÉGRE* DO SÉCULO XIX TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DE 2020 E 2021 EM SÃO JULIÃO DA BRANCA

*António Manuel S. P. Silva**

*Paulo A. P. Lemos***

*Sara Almeida e Silva****

Introdução

Desde 2014 que, no Alto da Espinheira, no Monte de São Julião da Branca, foram retomados os trabalhos arqueológicos para investigar o povoado dos finais da Idade do Bronze, que havia sido confirmado arqueologicamente nos anos noventa do século passado (Pereira da Silva; Silva 1993; Silva; Pereira da Silva 1995: 123). Ao longo destes oito anos, realizaram-se campanhas anuais de escavação, no âmbito de três projetos de investigação coordenados pelo Centro de Arqueologia de Aveiro (Silva *et al.* 2015; 2016; 2017; 2019). Os dois projetos iniciais tinham como fim alargar o conhecimento da ocupação proto-histórica na região do Entre Douro e Vouga; confirmado que estava o potencial arqueológico do sítio de São Julião, foi desenhado um novo projeto que, não esquecendo a investigação arqueológica, tem na valorização dos vestígios e da componente ambiental do sítio o seu principal foco (Silva *et al.* 2019).

A ocupação mais antiga daquela elevação tem larga tradição historiográfica, desde as informações de Frei Bernardo de Brito na *Monarquia Lusitana* (Brito 1609: 3) até aos registos de diversos autores em épocas mais recentes (Silva *et al.* 2015: 60; 2019: 28), mas não era por essa razão que se perpetuava na memória local da freguesia da Branca esta montanha, com altitude máxima de 330 m que, embora de pouca expressão altimétrica, permite alcançar visualmente uma área tão vasta que vai desde a Ria de Aveiro até ao Caramulhão, em Tondela. As *estórias* que se contam sobre este monte estão relacionadas com o que se perpetuou na toponímia, o *Talégre*, evidenciando a existência no local de um posto de comunicações telegráficas, no século XIX.

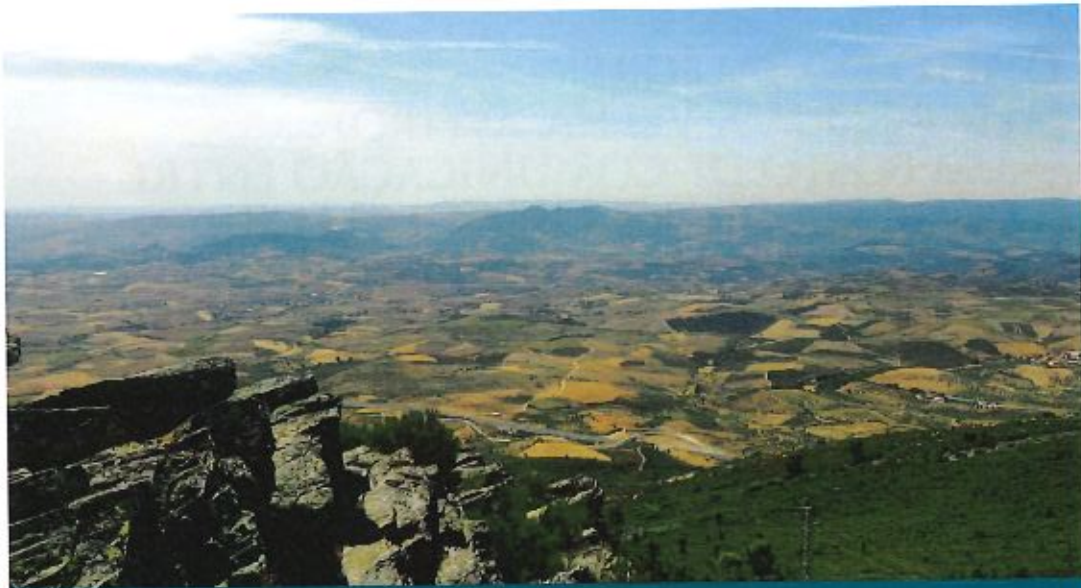
Assim, desde 2020, também a presença deste telégrafo em São Julião começou a atrair a curiosidade da nossa investigação, sem grandes informações de partida, uma vez que são escassos os trabalhos arqueológicos relacionados com este tipo de estruturas¹.

¹ Arqueólogo, Centro de Arqueologia de Aveiro, Investigador do CITEC/EM (UP), Coordenador do Projeto VAL-JUL, amspsilva@hotmail.com

² Arqueólogo, Centro de Arqueologia de Aveiro, Projeto VAL-JUL, paplemos@gmail.com

³ Arqueóloga, Centro de Arqueologia de Aveiro, Projeto VAL-JUL, saraalmeidasilva@gmail.com

¹ Um dos poucos exemplos de intervenção arqueológica associados a postos de comunicações telegráficas, publicado em Portugal, está relacionado com um projeto da Plataforma Intermunicipal para as Lãs de Tondela e diz respeito à reconstrução do telégrafo na Serra do Socorro, em Matos (Lima *et al.* 2009).



ARQUEOLOGIA E TRADIÇÃO ORAL

COORD.
ALEXANDRA VIEIRA

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSVERSAL
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

O ALTO DO TALÉGRE (ALBERGARIA-A-VELHA, AVEIRO) — UM POSTO DE COMUNICAÇÃO ENTRE A MEMÓRIA ORAL E A ARQUEOLOGIA*

ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA**

PAULO A. P. LEMOS***

SARA ALMEIDA E SILVA****

Resumo: O Monte de São Julião, em Albergaria-a-Velha, conserva os vestígios de um povoado da Idade do Bronze, mas a microtoponímia e a memória local preservaram uma recordação mais recente — a da existência de um posto de comunicações telegráfico na primeira metade do século XIX. As escavações arqueológicas, levadas a cabo pelo Centro de Arqueologia de Arouca, com particular incidência para a campanha realizada em 2021, têm colocado a descoberto os vestígios desta estrutura contemporânea, após a recolha de informações orais e da realização de trabalhos de prospeção geofísica, que permitiram localizar a área potencial de assentamento do edifício que serviu de posto telegráfico, com as instalações de apoio às guarnições militares em serviço no Alto da Branca.

Palavras-chave: telegrafia ótica ou visual; São Julião da Branca; Albergaria-a-Velha; arqueologia moderna e contemporânea.

Abstract: São Julião Hill, in Albergaria-a-Velha, preserves the remains of a Bronze Age settlement, but the micro-toponymy and local memories have preserved a more recent memory — that of the existence of a telegraphic communications post, in the first half of the 19th century. The archaeological excavations, developed by Centro de Arqueologia de Arouca, with particular emphasis on the campaign, carried out in 2021, have uncovered the remains of this contemporary structure, after collecting oral information and carrying out geophysical prospection works, which made it possible to locate the potential settlement area of the building that served as a telegraph office, with the support facilities for the military garrisons in service at Alto da Branca.

Keywords: optical or visual telegraphy; São Julião da Branca; Albergaria-a-Velha; modern and contemporary archaeology.

INTRODUÇÃO

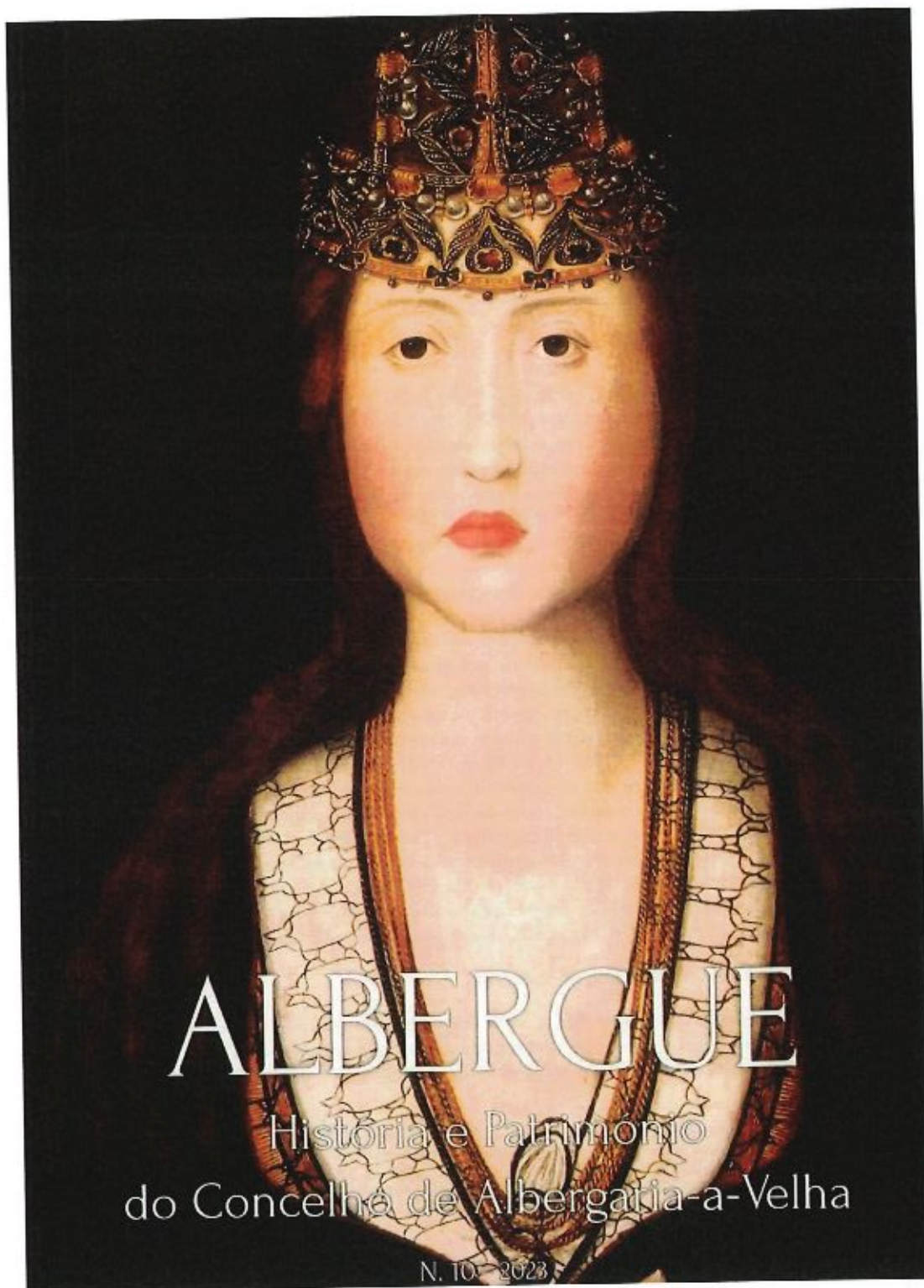
O «Alto do Talégre», também conhecido como Monte de São Julião, localiza-se no lugar da Espinhreira, freguesia da Branca, concelho de Albergaria-a-Velha, distrito de Aveiro (Fig. 1). A elevação situa-se na primeira cordilheira de relevos que assinalam a transição das planícies litorais do Baixo Vouga lagunar para os contrafortes da Serra do Arestal,

* Se o *copyright* das imagens, gráficos ou tabelas não for indicado, pertence aos autores do texto.

** Coordenador do Projeto VAL-JUL. Centro de Arqueologia de Arouca; investigador do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (unidade de I&D 4059 da FCT). Email: amspilva@hotmail.com.

*** Projeto VAI-JUL. Centro de Arqueologia de Arouca. Email: paplemos@gmail.com.

**** Projeto VAL-JUL. Centro de Arqueologia de Arouca. Email: saralmeidasilva@gmail.com.



ALBERGUE

História e Património
do Concelho de Albergaria-a-Velha

N. 10 - 2023

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS EM SÃO JULIÃO DA BRANCA (ALBERGARIA-A-VELHA). BREVE CRÓNICA DAS CAMPANHAS DE 2022 E 2023

*António Manuel S. P. Silva **

*Paulo A. P. Lemos ***

*Sara Almeida e Silva ****

Introdução

O «Alto do Talégre», ou Monte de São Julião, situado na freguesia da Branca, foi intervencionado pela primeira vez em 1993 e 1994, através de duas curtas campanhas que tinham por objetivo avaliar o potencial arqueológico do sítio, destruído substancialmente após uma ação de plantio mecânico de eucalipto em 1992 (SILVA, PEREIRA DA SILVA, 1995; SILVA 2014: 36). Os trabalhos dessa época, dirigidos por arqueólogos do Centro de Arqueologia de Arouca (SILVA, PEREIRA DA SILVA 1995) e financiados pelo município de Albergaria-a-Velha, não puderam, então, ter continuidade, tardando duas décadas até serem retomados.

Em 2014, no âmbito de um novo projeto de investigação da mesma associação, igualmente com apoio municipal, realizou-se nova campanha de sondagens arqueológicas, executada por uma pequena equipa (SILVA *et al.* 2015), trabalhos que se repetiram nos anos subsequentes, com o apoio de um grupo de voluntários, em número variável, tanto locais como provenientes de diversos pontos do país, divulgando-se regularmente os resultados das pesquisas, muito em especial, e com regularidade, na revista *Albergue* (SILVA *et al.* 2015, 2017, 2019, 2021), como também em outras publicações (ALMEIDA E SILVA *et al.* 2019; SILVA *et al.* 2020; SILVA, LEMOS, ALMEIDA E SILVA, *in* prelo).

Neste enquadramento, as campanhas dos anos de 2022 e 2023 (oitava e nona campanhas), envolveram, cada uma, cerca de uma dúzia de participantes, contando a última com a presença de sete alunos da licenciatura em Arqueologia da Universidade do Minho, no quadro de um protocolo de colaboração estabelecido entre aquela instituição e o Centro de Arqueologia de Arouca. Nesta breve notícia sintetizaremos os principais resultados da intervenção de 2022 e, ainda de forma mais sumária, os da última campanha, concluídos poucos dias antes da redação deste texto e dos quais apenas podemos fornecer breve nota.

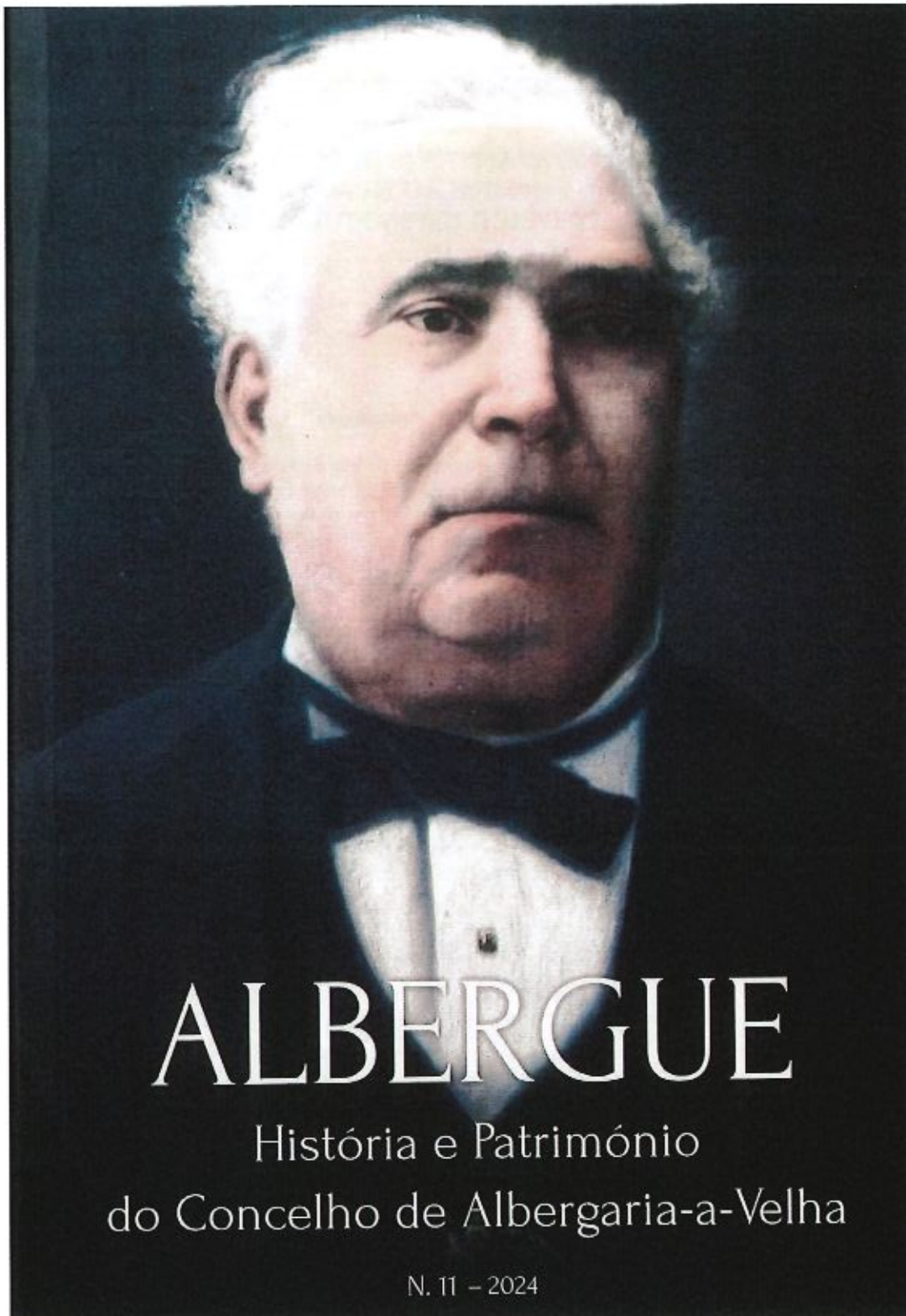
O que existe no «Alto do Talégre»?

Essencialmente, mas não só, um «povoado» dos finais da Idade do Bronze, ocupado na transição do segundo para o primeiro milénios antes da nossa era, talvez entre os anos de 1000 e 800 a.C. Mas o adiantamento proto-histórico não justifica o nome pelo

* Centro de Arqueologia de Arouca; Coordenador projeto VAL-JUL; CITECER – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (EIP); anspsilva@hotmail.com

** Centro de Arqueologia de Arouca; Investigador do projeto VAL-JUL; paplemos@gmail.com

*** Centro de Arqueologia de Arouca; Investigadora do projeto VAL-JUL; saraalmeidasilva@gmail.com



UM SÍTIO ANTES (E DEPOIS) DA SUA OCUPAÇÃO HUMANA: PATRIMÓNIO GEOLÓGICO EM SÃO JULIÃO DA BRANCA

*Manuel J. Abrunhosa **
*António Manuel S. P. Silva ***
*Paulo A. P. Lemos ****
*Sara Almeida e Sileu *****
*Ingo Aloni Sampaio ******

O sítio: breve historiografia e crónica arqueológica

O sítio arqueológico de São Julião, localizado na freguesia da Branca (Albergaria-a-Velha) é sobejamente conhecido à escala local e regional e começa também a sê-lo em outras latitudes, como resultado de numerosas publicações que têm acompanhado o projeto de investigação arqueológica que ali se desenvolve desde 2014 e cujas referências – para não alongar demasiadamente este texto – se encontrarão no seu final. Não obstante, para o leitor mais distante ou menos acostumado a esta bibliografia, será, talvez, de utilidade uma pequena sinopse de apresentação.

O povoado pré-histórico de São Julião situa-se numa colina de contorno aproximadamente oval com uma culminação aplanada, com cotas máximas na ordem dos 329 m, na freguesia da Branca, concelho de Albergaria-a-Velha, distrito de Aveiro. As coordenadas do seu ponto central são 40° 46' 14,42" N. e 8° 28' 12,79" O. (WGS84). Ocupa uma posição topográfica bem destacada, especialmente pela circunstância de se encontrar sobre a primeira cordilheira de relevos significativos no contexto da plataforma costeira, de orientação aproximada norte-sul – que também funciona como a cumeeira ocidental do encaixado vale do rio Caima – que marcam a transição entre as planícies litomais do Baixo-Vouga e os contornos da Serra do Aresal, o que permite que do povoado se domine visualmente uma área vastíssima, tanto para a bacia do Caima, a nascente, como, em especial, para oeste, até ao Atlântico, de que se distancia atualmente cerca de 20 quilómetros¹ (Figuras 1 e 2).

¹ Centro de Investigação da Terra e do Espaço da Universidade de Coimbra (CITEUC). Geólogo, consultor científico do projeto de investigação VAI-JUL. manuel.abrunhosa@gmail.com.

² Centro de Arqueologia de Aveiro. Coordenador do projeto de investigação VAI-JUL. Investigador do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura Espaço e Memórias» (CTCEM), unidade de I&D 4059 da UCF. IUCI. Instituição: <https://doi.org/10.54499/18701/04059/2020>. amsp@uca@bomail.com.

³ Centro de Arqueologia de Aveiro. Investigador do projeto de investigação VAI-JUL. paplemos@gmail.com.

⁴ Centro de Arqueologia de Aveiro. Investigadora do projeto de investigação VAI-JUL. saraalmeidasilva@gmail.com.

⁵ Investigador do projeto de investigação VAI-JUL; Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT), Laboratório Associado para Investigação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território (IN2PAS), Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação em Turismo (CITUR), in2pas@ies.uminho.pt.

⁶ Considerando a evolução da linha de costa, esta distância seria cerca de metade há cerca de três ou quatro mil anos, quando o sítio foi ocupado.

ALBERGUE

História e Património do Concelho de
Albergaria-a-Velha

N.º 12 – 2025

A TELEGRAFIA ÓPTICA NO CONCELHO DE ALBERGARIA-A-VELHA História e Arqueologia

*Sara Almeida e Silva **

*António Manuel S. P. Silva ***

*Paulo A. P. Lemos ****

*Hugo Aluai Sampaio *****

A memória das gentes de Albergaria preservou, na microtoponímia local, as designações *Rua do Talegre*, na freguesia da Branca, e *Cabeço do Telégrafo*, em Vila Nova de Fusos, na União de freguesias de Albergaria-a-Velha e Valmaior. O primeiro daqueles locais, é um arruamento que conduz ao Monte de São Julião, onde trabalhos arqueológicos recentes colocaram a descoberto as ruínas de um edifício relacionado com o telégrafo ótico ali instalado na primeira metade do século XIX. Além do edifício que servia de apoio aos militares do Corpo Telegráfico, cuja planta não se encontrou totalmente preservada, identificaram-se ainda dois buracos de poste onde assentariam os mastros que sustentavam o sistema de comunicações.

Em outras ocasiões, já aqui demos conta (Silva, Lemos, Almeida e Silva, 2021) dos resultados preliminares dessa intervenção arqueológica, tendo havido oportunidade, entretanto, de reunir mais alguns dados sobre o *Talegre do Alto da Branca* (Silva, Lemos, Almeida e Silva, 2023), cumprindo-nos agora compilar a informação disponível sobre a telegrafia ótica em Albergaria-a-Velha, destacando os telégrafos do Alto da Branca e de Vila Nova de Fusos (Fig. 1).

A telegrafia ótica em Portugal – breve introdução

As primeiras experiências relacionadas com a instalação da telegrafia ótica em Portugal acontecem na zona da capital, Lisboa, nos finais do século XVIII, tendo como principal objetivo o controlo da barra do Tejo (Luna, Leal, Sá, 2009: 75-76; Lima, 2010: 10-12). Nos inícios do século XIX, a instalação da rede inicia-se pelo país, impulsionada, por um lado, pela ação de Francisco António Ciera (1763-1814), um matemático, cartógrafo e cientista, nomeado pelo rei D. João VI para renovar e expandir este sistema de comunicações (Oliveira e Lemos, 2015: 479-482); e por outro, pelo exército britânico, na sequência da guerra

* Centro de Arqueologia de Arouca. Investigadora do projeto de investigação VAL-JUL. saralmeidasilva@gmail.com.

** Centro de Arqueologia de Arouca. Coordenador do projeto de investigação VAL-JUL. Investigador do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura Espaço e Memória» (CITCEM), unidade de I&D 4059 da FCT. DOI institucional: <https://doi.org/10.54499/UI1DB/04059/2020>. amspsilva@hotmail.com.

*** Centro de Arqueologia de Arouca. Investigador do projeto de investigação VAL-JUL. paplemos@gmail.com.

**** Investigador do projeto de investigação VAL-JUL; Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT), Laboratório Associado para Investigação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território (IN2PAST), Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação em Turismo (CITUR), hugoaluai@gmail.pt.

ANEXO
PEQUENO DOSSIÊ
DE IMPRENSA

Monte de São Julião: a reconstrução do passado e a valorização da história local

RADUEL VALENTE (TEXTO) E EDUARDO PINA (FOTO)

SEXTA, 02 DE AGOSTO DE 2024



NOTÍCIAS

Albergaria-a-Velha avança com centro arqueológico no Monte de São Julião

O vice-presidente da Câmara de Albergaria-a-Velha, Delfim Bismarck, revelou que vai ser criado um centro de Arqueologia no Monte de São Julião.

Albergaria desafia a comunidade para as escavações arqueológicas

POR SARA SOARES - 11 DE JULHO, 2023

A Câmara de Albergaria-a-Velha quer criar um centro pedagógico orientado para a Arqueologia e o Ambiente no Monte de São Julião, na freguesia da Branca. O objetivo é permitir que os importantes vestígios ali encontrados sejam preservados e divulgados. E, em paralelo, regenerar a paisagem.

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MONTE DE SÃO JULIÃO ARRANCARAM HÁ CINCO ANOS

De escavação em escavação, São Julião vai respondendo à pergunta: quem fomos nós, humanos, no passado?

Há cinco anos iniciaram-se as escavações arqueológicas no Monte de São Julião, na Branca. Uma viagem à origem e procura do que fomos no passado. Em Agosto decorreu mais uma campanha. Descobertas foram mais "pedaços" do passado, uma mão cheia de pistas que se junta a outra cheia de mistérios. Ainda há muito percurso para seguir. Estivemos à conversa com o vereador da Cultura, Delfim Bismarck que nos fez o ponto de situação e reforça a importância deste trabalho de campo para potenciar o conceito de Albergaria-a-Velha turística e economicamente.

Albergaria-a-Velha visitamos nesta jornada, em busca daquilo que é, também todos e é este um dos objetivos das escavações. "Esta é uma atividade que envolve também voluntários de Albergaria-a-Velha e, como tal, aproxima os cidadãos no seu tempo livre uma vez que lhe faz permitir conhecer melhor o seu passado coletivo", acrescenta o vereador.

Quinta campanha trouxe novas descobertas

"O trabalho da campanha de 2018 é bastante positivo, tendo-se realizado intervenção em três áreas distintas do povoado, na área da estrutura de delimitação (convencionalmente conhecida como muralha), sítio de intervenção nas carpenteras adjacentes, na possível com-



Cerca de 10 voluntários participaram na expedição

partir, com novos trabalhos de escavação e o mapeamento de algumas datações que fomos em preparação".

Além das estruturas, mais duas áreas do trabalho permitiram recolher quase 10.000 fragmentos de cerâmica, objetos em pedra e escassos metais. Análises importantes, como o carbono 14 foram, "Permitiu mais indicações sobre a forma como estas pessoas viviam e que atividades praticavam".

Perpetuações futuras

A despeito das vestígios no monte de São Julião prova que o povoado tinha uma grande dimensão. Neste sentido há, ainda, uma grande área para explorar. "Gostaria antes de vir a encontrar uma área habitacional preservada, de compreender melhor a maneira e a sua relação com a utilização do monte na contemporaneidade e de cultivar o sentimento de cultura e de identidade uma maior área de estrutura do delimitação, que sabemos que se encontra preservada em mais alguns pontos do povoado", afirma o autor.

Do baixo da terra há pedaços que contam história. Pedços do que fomos no passado, pedços que contribuíram para o que somos hoje. Aqui, no Monte de São Julião, na Branca, houve vida há cerca de 3 mil anos. A missão arqueológica continua no Monte de São Julião na Branca, com a sustentação de Proba

É UMA MAIS-VALIA PARA O TURISMO E PARA A ECONOMIA

prender melhor a sua forma construtiva - um muro largo em pedra seca, composto por blocos de calcário e al-

carvedor/teja funcionária, há novidades. "Os trabalhos iniciados na área central, tendo sido possível reconhecer uma área bastante perturbada em épocas recentes, assim como um conjunto de estruturas talvez relacionadas com a instalação de lagos no Monte de São Julião, no século XIX", acrescenta o vereador.

Os principais resultados de mais década de investigações

Nesta quinta campanha foi possível conhecer melhor estas duas estruturas. A invulgar mancha é um das prioridades da investigação. Como relata o vereador: "No caso da mesma, é in-

comum a existência destes momentos no interior de povoados. Esta estrutura seria anterior e terá sido respetiva pelas habitações do monte de São Julião na fase da Idade do Bronze. É também particular a sua possível utilização já em época contemporânea e esta é um dado que ainda teremos que esclarecer no

O BEIRA VOUGA FOI CONHECER O PROJETO PROBA, RESPONSÁVEL PELAS ESCAVAÇÕES NA BRANCA

São Julião tem tudo para se assumir como um sítio arqueológico de paragem obrigatória

Há poucas semanas decorreu mais uma campanha de escavações no Monte de São Julião, na Branca. Depois de na última edição termos falado com o vereador da cultura, Delfim Bismarck, desta vez estivemos à conversa com o PROBA - Proto-história da Bacia do Antuá. Quisemos conhecer melhor esta associação que tem dirigido os trabalhos, o processo moroso destas descobertas e a importância destas descobertas. O PROBA não tem dúvidas: São Julião tem tudo para se assumir como um sítio arqueológico de paragem obrigatória.



Trabalhos (de limpeza) na área da mamoa

Depois de cinco anos de escavações, não há dúvidas. São Julião é especial. "No país há outros sítios da mesma cronologia, mas todos eles são raros, pois são singulares. Não podemos

gostariamos de continuar a investigação no Monte de São Julião, um povoado que terá ainda muito para contar", confessa Sara Almeida e Silva. 2019 será, portanto, um ano com muitas conclusões para revelar. "Este género de projetos de investigação são aprovados pela entidade de tutela do património e têm um prazo estabelecido. A

Uma campanha arqueológica - passo a passo

Uma escavação arqueológica é um processo moroso que vai muito mais além do que o trabalho de campo. São horas, muitas horas, dedicadas à investigação. "A escavação arqueológica

de Azeméis). Quando esse primeiro projeto terminou, em 2015, foi submetido um outro, em continuidade, mas onde se mantiveram somente os dois primeiros sítios. Como refere Sara Almeida e Silva: "No caso de Salreu, foram realizadas quatro campanhas de trabalhos, várias comunicações com a divulgação dos resultados e

ABM Combustíveis, Lda.
GASÓLEO DE AQUECIMENTO
COM ENTREGAS AO COMÉRCIO
LOJAS DE CONVÊNIO

PARQUEM. REPARAÇÃO E SERVIÇOS RÁPIDOS
CALDEIAS E SAZONAIS

ABM no
ABM no

APROVEITE A FANTÁSTICA
PREVENÇÃO DE FURTO E VÍCIO E CRISE DE
SAÚDE EXTERIOR POR APENAS 5€

ABM Combustíveis agora com umida
 de automação total. Semi-Notas
 Com garantia e Assistência Pós-Venda

E.N. 333 - Asseguins - Aguiada
Telef. 234 604 957

KM
 HOTEL RESTAURANTE
 1000-1000-1000
 1000-1000-1000
 1000-1000-1000

Beira Vouga

1.ª quinzena de Setembro de 2016 - QUINZENA 1000 - Ano LXV - Nº 1965
 Telefone: 234 250 822 - E-mail: jornal@beiravouga.pt ou jornalismo@beiravouga.pt
 Director: Luis Vidal - Chefe de Redacção: Fabrice Perrenoud

EDIÇÃO DE ALBERGARIA-A-VELHA

NOVAS DESCOBERTAS REFORÇAM O POTENCIAL TURÍSTICO DE ALBERGARIA

Branca foi à descoberta das origens



Durante o mês de Agosto, o monte de São Julião voltou a ser alvo de escavações. O que a Branca escondia debaixo da terra surpreendeu os especialistas. Entre as descobertas há uma muralha com mais de 4 metros que chama a atenção pela sua monumentalidade. Em setembro, na freguesia, prevê-se a apresentação dos primeiros resultados.

Página 16

JOSÉ
COUTINHO DA GRAÇA
 - PAINÉIS SOLARES E FOTOVOLTAICOS CAP SOLAR CERTIFI

16

1.ª QUINZENA DE SETEMBRO DE 2016

ALBERGARIA-A-VELHA

Beira Vouga

BRANCA FOI À DESCOBERTA DAS ORIGENS

Novas descobertas reforçam o potencial turístico de Albergaria

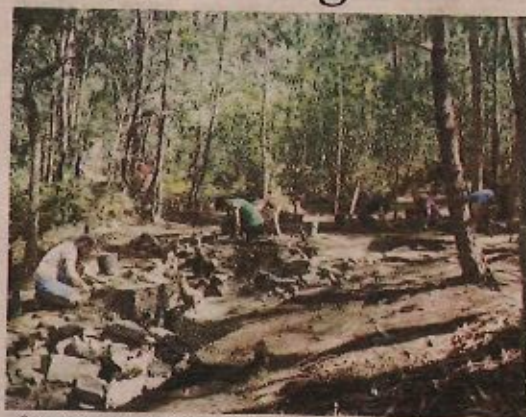
Durante o mês de Agosto, o monte de São Julião voltou a ser alvo de escavações. O que a Branca escondia debaixo da terra surpreendeu os especialistas. Entre as descobertas há uma muralha com mais de 4 metros que chama a atenção pela sua monumentalidade. Em setembro, na freguesia, prevê-se a apresentação dos primeiros resultados. Os trabalhos vão continuar ao longo do próximo ano. Depois das Mamoas do Teco, recentemente inauguradas na Zona Industrial de Albergaria-a-Velha, estas novas descobertas vão reforçar o património histórico e cultural do concelho que aumenta assim o seu potencial turístico.

Com a ajuda de mais de

20 voluntários, entre os quais vários arqueólogos, estudantes de arqueologia e albergarienses, a Branca fêz mais perto das suas origens. Os trabalhos arqueológicos no "Alto do Taleiro", em São Julião da Branca resultam de uma colaboração entre o Município de Albergaria-a-Velha e o Centro de Arqueologia de Arouca nos últimos três anos. Esta é já a terceira campanha de escavações e os resultados, como confessa António Manuel Silva, coordenador do projeto, em declarações ao Jornal Beira Vouga, são promissores. "Numa primeira análise tomamos aqui resultados muito interessantes, agora há que continuar o trabalho e caldar os achados. Do ponto de vista científico,

mas também patrimonial, creio que temos aqui dados bastante promissores", defende o arqueólogo que acredita que a riqueza arqueológica que Albergaria tem relegado pode transformar-se, no futuro, num ponto de atração turística. "Convém a ser possível, quem sabe encetar-se a preservação e valorização destes vestígios e a criação, por exemplo, de uma reserva arqueológica do que não puder ser escavado. Há, contudo, ainda muito trabalho pela frente e terá, necessariamente, de haver investimento público. Não nos podemos esquecer que os terrenos que aqui exploramos são privados", adianta.

Entre as descobertas, uma das mais importantes é a confirmação da existência de uma muralha com mais de 4 metros de largura, feita com blocos de pedra e um talude em terra e pedras pelo interior que delimitava aquele povoado, com cerca de 3 mil anos. "O adado é de finais da Idade do Bronze, cerca de 1000 a 800 anos antes de Cristo. Considerando tal antiguidade, esta muralha constitui uma das principais e mais singulares descobertas deste género, no Norte de Portugal", considera António Manuel Silva.



Com a ajuda de mais de vinte voluntários o monte de São Julião voltou a ser alvo de escavações

o monumento funerário pré-histórico encontrado. É muito incomum encontrar-se uma mamoa dentro de um povoado, pelo que será muito interessante aprofundar o seu estudo", explica o arqueólogo.

No próximo mês, ainda sem data marcada, na freguesia da Branca, vão ser apresentados os primeiros resultados. Entretanto, o

local durante os últimos três milénios antes de Cristo. "É muito incomum encontrar-se uma mamoa dentro de um povoado, pelo que será muito interessante aprofundar o seu estudo", explica o arqueólogo.

No próximo mês, ainda sem data marcada, na freguesia da Branca, vão ser apresentados os primeiros resultados. Entretanto, o



Vista aérea do troço de muralha da Idade do Bronze descoberta em São Julião da Branca

CONSTRUÇÕES JOSÉ MARQUES
 José Marques de Silva Santos
 União Lda
 - CONSTRUÇÃO CIVIL - RESTAURAÇÃO
 - OBRAS DE RECONSTRUÇÃO E RECONSTITUIÇÃO
 - COLOCAÇÃO
 Rua do Bairro São Filipe N.º 2
 Póvoa do Ovar
 3880-292 Estarreja - Aveiro
 Tlm. 962835006
 Alvará N.º 80603
 constrjosemarques@hotmail.com
 Encarregado José Marques
 Director de Obras e Acompanhamento

ambry
 Tlm. 936 458 595 - 932 228 576
 Furos de Água - Sondagens - Montagem
 A MELHOR SOLUÇÃO NOS MELHORES PREÇOS EMPREGANDO A MELHOR TÉCNICA INDUSTRIAL E
 "ambry" a solução para a sua pm
 Sede: Landedo - 8. Pedro de Covielas - 3730 068 São do Caminho - Foz de Ilha de Ovar - R.2 do 1.º andar - Edifício Big Centre
 Pte. 346 185 541 - E-mail: ambry@ambry.com - www.ambry.com

Beira Vouga

1.º quinquena de Agente de I&D - 00352754001 - 4.ª série - N.º 1828
 Edifício 214 064 429 - E-mail: beira.vouga@vnp.pt - Preço 9,00 euros (IVA incluída)
 Direcção: Rosalinda Ferreira

EDIÇÃO DE ALBERGARIA-A-VELHA

CÂMARA MUNICIPAL QUER SALVAGUARDAR PATRIMÓNIO

Escavações arqueológicas no Monte de São Julião

Projecto arqueológico em curso no Monte de S. Julião, na Branca, pode revelar alguns segredos da Idade do Bronze. Uma iniciativa da Câmara Municipal de Albergaria que visa salvaguardar o património. O Centro de Arqueologia de Arouca está a comandar o estudo que irá avaliar o interesse cultural do património. **Branca 14**



Jornal de **J** Desde 1911 a informar com rigor e isenção

Albergaria

Edição N.º 72 - 37.ª série - 2.ª quinzena de julho 2025 - Preço 2€
 Fundado em 1911 por Domingos Calvado, Depoente Ribeiro e António Francisco Ribeiro
 Director: Paulo Strozes

Escavações de S. Julião colocam concelho no mapa

Destaque

Grupo põe as mãos na terra à procura de pistas do passado

Albergaria-a-Velha Uma equipa formada por três profissionais, sete alunos da Universidade do Minho e uma voluntária de Aveiro passou um mês em escavações no Monte de São Julião

Por Carlos

Manejando uma pá e um cinzel, os arqueólogos do grupo de Aveiro trabalham em escavações na zona do Monte de São Julião, uma das paragens do Parque Municipal de Aveiro. O grupo de trabalho, formado por três profissionais, sete alunos da Universidade do Minho e uma voluntária de Aveiro, passou um mês em escavações no Monte de São Julião, uma das paragens do Parque Municipal de Aveiro. O grupo de trabalho, formado por três profissionais, sete alunos da Universidade do Minho e uma voluntária de Aveiro, passou um mês em escavações no Monte de São Julião, uma das paragens do Parque Municipal de Aveiro.



Trabalhos de escavação arqueológica no Monte de São Julião, em Aveiro.

Uma equipa formada por três profissionais, sete alunos da Universidade do Minho e uma voluntária de Aveiro passou um mês em escavações no Monte de São Julião, uma das paragens do Parque Municipal de Aveiro. O grupo de trabalho, formado por três profissionais, sete alunos da Universidade do Minho e uma voluntária de Aveiro, passou um mês em escavações no Monte de São Julião, uma das paragens do Parque Municipal de Aveiro.

Os trabalhos de escavação arqueológica no Monte de São Julião, em Aveiro, estão a decorrer desde o mês de maio de 2022. O grupo de trabalho, formado por três profissionais, sete alunos da Universidade do Minho e uma voluntária de Aveiro, passou um mês em escavações no Monte de São Julião, uma das paragens do Parque Municipal de Aveiro.

Os trabalhos de escavação arqueológica no Monte de São Julião, em Aveiro, estão a decorrer desde o mês de maio de 2022. O grupo de trabalho, formado por três profissionais, sete alunos da Universidade do Minho e uma voluntária de Aveiro, passou um mês em escavações no Monte de São Julião, uma das paragens do Parque Municipal de Aveiro.

Os trabalhos de escavação arqueológica no Monte de São Julião, em Aveiro, estão a decorrer desde o mês de maio de 2022. O grupo de trabalho, formado por três profissionais, sete alunos da Universidade do Minho e uma voluntária de Aveiro, passou um mês em escavações no Monte de São Julião, uma das paragens do Parque Municipal de Aveiro.

A importância do Arqueológico

O Centro de Arqueologia de Aveiro tem vindo a desenvolver projetos de investigação científica no campo da arqueologia. Este trabalho é fundamental para compreender o passado e a evolução da sociedade humana. O grupo de trabalho, formado por três profissionais, sete alunos da Universidade do Minho e uma voluntária de Aveiro, passou um mês em escavações no Monte de São Julião, uma das paragens do Parque Municipal de Aveiro.

Os trabalhos de escavação arqueológica no Monte de São Julião, em Aveiro, estão a decorrer desde o mês de maio de 2022. O grupo de trabalho, formado por três profissionais, sete alunos da Universidade do Minho e uma voluntária de Aveiro, passou um mês em escavações no Monte de São Julião, uma das paragens do Parque Municipal de Aveiro.

Os trabalhos de escavação arqueológica no Monte de São Julião, em Aveiro, estão a decorrer desde o mês de maio de 2022. O grupo de trabalho, formado por três profissionais, sete alunos da Universidade do Minho e uma voluntária de Aveiro, passou um mês em escavações no Monte de São Julião, uma das paragens do Parque Municipal de Aveiro.

Os trabalhos de escavação arqueológica no Monte de São Julião, em Aveiro, estão a decorrer desde o mês de maio de 2022. O grupo de trabalho, formado por três profissionais, sete alunos da Universidade do Minho e uma voluntária de Aveiro, passou um mês em escavações no Monte de São Julião, uma das paragens do Parque Municipal de Aveiro.

Os trabalhos de escavação arqueológica no Monte de São Julião, em Aveiro, estão a decorrer desde o mês de maio de 2022. O grupo de trabalho, formado por três profissionais, sete alunos da Universidade do Minho e uma voluntária de Aveiro, passou um mês em escavações no Monte de São Julião, uma das paragens do Parque Municipal de Aveiro.

Posto de comunicações do século XIX escavado no Monte de São Julião

Albergaria-a-Velha Trabalhos arqueológicos centram-se este ano num posto de telegrafia que terá existido no século XIX naquele local da freguesia da Branca



O Monte de São Julião tem vindo a ser explorado nos últimos anos.

Daquele que, segundo Manuel Silva, não se havia uma forte probabilidade de pairar a desce. Certo é que cerca de um posto de comunicações militares nas escavações no Monte de São Julião, na freguesia da Branca, em Albergaria-a-Velha. O professor universitário e presidente do Centro de Arqueologia de Aveiro revelou à Lusa que a campanha de escavação a fazer dentro de duas vai centrar-se num posto de telegrafia que terá existido no século XIX, naquele sítio, que tem vindo a ser estudado há vários anos.

O Centro de Arqueologia de Aveiro tem realizado, em o âmbito da Câmara de Albergaria-a-Velha, campanhas de escavação no Monte de São Julião, na freguesia da Branca, que permitiram já revelar uma muralha que delimitava um povoado cercado de três mil anos e um monumento megalítico, uma

muralha, ainda em fase de interpretação.

No entanto, na campanha de ano passado foi identificado o que se terá sido um posto de telegrafia óptico, usado no século XIX para comunicações essencialmente militares, e, apesar de não estar nos planos iniciais das escavações, as escavações este ano vão centrar-se aí.

Segundo o pioneiro em investigação arqueológica a ser realizado, o professor Manuel Silva, assistiu inicialmente ao "desvén" do objetivo primordial de revelar o povoado da Idade do Bronze.

Concluiu-se então, no século XIX o país cobria-se de um conjunto de telegrafos ópticos, ainda antes da telegrafia sem fios, que funcionavam por espelhos ou por tabuletas pivotantes, e que permitiam que as

comunicações militares se fizessem elevadas, por exemplo entre Lisboa e o Porto, com uma rapidez bastante apreciável.

Ativo do Telegrafo

Apesar de ser uma rede relativamente recente (só deixou de funcionar em meados do século XIX), o conjunto de edifícios disperso em pontos elevados e em uma distância de 20 ou 40 quilómetros entre eles, para que fosse possível mirar de uns para os outros, com um código binário de informação codificada, desapareceu.

"Há muito pouco informação arqueológica sobre esse tipo de dispositivos, que foram demolidos ou foram abandonados e arrasados por diferentes circunstâncias e havia um no Monte de São Julião, que acabou a ser conhecido pelo Alto do Telegrafo, o que é tanto o símbolo de

Oitava escavação começa na segunda-feira

A campanha de escavação de 2021, que vai decorrer de 21 de Junho, próxima segunda-feira, a 10 de Julho, será a oitava no Monte de São Julião, no âmbito da colaboração do Centro de Arqueologia com a Câmara de Albergaria-a-Velha. Os trabalhos, efectuados já permitiram identificar vestígios da ocupação do local há cerca de três mil anos, designadamente restos das estruturas em pedra e terra que delimitavam o povoado, assim como um monumento megalítico, fragmentos de louça e outras objectos utilizados à época.

telegrafo", afirmou o arqueólogo.

"Tivimos esse dado histórico etnográfico, pelo que quisemos corroborar os dados e para isso utilizámos um conjunto de métodos para identificar, essencialmente métodos geofísicos, com várias formas de prospeção. E na campanha do ano passado identificámos o que será a sua base e as suas muralhas e este ano vamos voltar a voltar a sua planta", afirmou à Lusa.

Dia Aberto para observar e escavar

BRANCA | Visitantes conhecem "mistérios" do Monte de S. Julião



A mamoa existente no Monte de S. Julião é um "monumento muito estranho" que os arqueólogos têm a interpretar. Os participantes no Dia Aberto puderam observar a importância e as particularidades do sítio, no seu todo, e dar uma mãozinha nas escavações.

Texto e fotos: Sofia Almeida

Os Visitantes que aderiram ao Dia Aberto no Monte de S. Julião, freguesia da Branca, ficaram a conhecer o resultado das sucessivas campanhas arqueológicas, e alguns, munidos de pá, vassoura e colherim, fizeram questão de participar nos trabalhos, aprendendo com os arqueólogos.

A iniciativa "Escavações para Ver... ou fazer", promovida pelo Município

de Albergaria-a-Velha, pretendeu assinalar o Dia Internacional da Arqueologia - 24 de julho, com os participantes repartidos por turnos, de manhã e à tarde.

Mamoa "difícil de compreender"

A mamoa, monumento megalítico "difícil de compreender",

conforme salientou a arqueóloga Sara Almeida, foi um dos principais alvos da 10.ª Campanha Arqueológica que terminou no final de julho. "É um monumento muito estranho", disse a arqueóloga, durante o Dia Aberto, explicando que a câmara central foi violada em época contemporânea e construído um muro no interior, para fins indeterminados. O monumento "terá sido construído antes da ocupação do monte enquanto povoado" e apresenta-se "perturbado pela extração de pedra nas imediações", segundo o Centro de Arqueologia de Aveiro, responsável pelas escavações.

O "passelo no tempo" incluiu a passagem pelo povoado da Idade do Bronze, pelos troços da estrutura de delimitação, em rampa, construída em pedra e terra, nos Inícios do I milénio a.C., e pelos vestígios de um posto de comunicação telegráfica - telégra-

fo ótico que integrava a linha Lisboa Porto - da primeira metade do século XIX, que serviu de apoio aos militares durante as guerras liberais.

Os Visitantes puderam também observar e manusear alguns materiais arqueológicos referentes aos dois principais períodos de ocupação - o bronze final e o século XX.

Recorde-se que o interesse arqueológico do local foi comprovado durante a década de 90 do século XX, quando trabalhos de plantio intermitente trouxeram à superfície vestígios da ocupação do monte, durante os finais da Idade do Bronze, há cerca de 3.000 anos. Os trabalhos foram, entretanto, interrompidos, tendo sido retomados em 2014.

Futuro Parque Natural e Patrimonial

Em curso está a valorização do Monte de S. Julião, com vista à sua transformação num Parque Natural e Patrimonial que, além da componente museológica, terá também uma vertente paisagística e de lazer. Os arqueólogos procederam a sondagens em zonas afetas ao projeto, e as máquinas de limpeza e delimitação de percursos já estão a operar no terreno.

Joana Mendes, técnica superior do departamento de Turismo da Autarquia, adiantou ao Jornal de Albergaria, que o projeto de arquitetura paisagística prevê a plantação de espécies vegetais, a selecionar em colaboração com a BioLiving.

Sítio arqueológico de S. Julião, em Albergaria, vai renascer das cinzas

História Os parceiros envolvidos no projeto arqueológico vão reunir para decidir as primeiras ações a desenvolver após a passagem dos incêndios que varreram a região na semana passada. O encontro está marcado para o dia 7 de outubro



O antes e depois de uma parte do sítio arqueológico de S. Julião, na Branca, em Albergaria-a-Velha. A foto posterior apresenta a estrutura arqueológica, mas não o coberto vegetal.

Os trabalhos da semana passada atingiram também o sítio arqueológico de São Julião, na Branca, em Albergaria-a-Velha, um ponto de passagem do fogo que ficou, aparentemente, afetado.

As estruturas arqueológicas resistiram, mas não o coberto vegetal que as protegia, assim como o coberto vegetal ao que já restava dentro do plano da regularização ambiental que integra

os projetos de investigação TERRA FROTAZ e VAL-01 Conservação e Valorização do Sítio Histórico de São Julião, promovido pela Câmara de Albergaria-a-Velha. O vice-presidente da autarquia, Diogo Fonseca, disse, referindo-se ao Dia de Aveiro, que o assunto será abordado numa reunião de parceiros para discutir o que fazer perante as consequências do fogo da

Troço próximo dos castelos. Na parte afetada do projeto, será devolvido o estado original da cobertura vegetal e a reconstituição do sítio será feita no mais depressa possível para voltar à situação que já estava alterada, como afirmou ao Diário de Aveiro.

Como era há 3 mil anos - Desde a década de 90 do século passado que as escavações

foram feitas em colaboração com o Centro de Arqueologia de Aveiro para a criação e promoção do património, e com a parceria da Associação Living e Lost Studies em trabalhos para a reconstrução do Monte de São Julião entre o período do bronze final e o século XX, há cerca de 3 mil anos.

Desde agosto último, uma equipa que inclui esta-

gistas da Universidade de Lisboa esteve no local em várias linhas de escavações arqueológicas, onde se encontrou uma muralha de alvenaria (pre-histórica) e restos da estrutura que delimitava o povoado, assim como já foram encontrados vestígios de época contemporânea, relacionados com um posto de comunicações telegráficas do século XIX.

A primeira metade do século

XX, entre outros vestígios museológicos que também são o ponto de partida para a regularização ambiental, referindo-se a parte dos resultados obtidos.

Passos mais de um mês depois da chegada ao local do projeto arqueológico final da 10.ª campanha, o longo trabalho a fazer e a monitorização.

Vestígios arqueológicos levam à criação de museu

Escavações no monte de São Julião, em Albergaria, contam com ajuda de voluntários e podem ser visitadas

Zuley Costa
locuá@jn.pt

ACHADOS Um monumento fúnebre com 5000 anos, parte de uma muralha construída há 3000 e um telégrafo do século XIX podem ser visitados até 2 de agosto no monte de São Julião, na Branca, em Albergaria, altura em que arqueólogos e voluntários terminam a 12.ª campanha de escavações. A Câmara está a criar um centro de interpretação no sítio e quer construir um museu para mostrar achados do concelho.

As provas de ocupação em períodos distintos tornam o sítio "único" e ainda "há muito a escavar", diz Sara Silva, do Centro de Arqueologia de Arouca. A mamo, um monumento funerário com 14 metros, é a mais antiga e apresenta sinais de ter sido violada. Seguem-se as muralhas de um povoado do final da Idade do Bronze. Não foram ainda escavadas casas, provavelmente porque seriam "feitas com materiais que se decompõem facilmente", mas no local foi encontrado barro de pisos e paredes, uma foice tipo Rocanes, brinco, machados, cerâmicas e outros objetos.

No monte existem, ainda, os alicerces de um posto de comunicações do séc. XIX, onde estava um "botão de farda do exército inglês", conta Sara Silva.

O geólogo Manuel Abrunhos diz que o facto de São Julião ser um local destacado, com boa visibilidade (avista-se o mar), terá contribuído para fixar pessoas. Numa pedreira perto



Trabalhos no monte de São Julião, na Branca



Delfim Bismarck vê alguns dos achados arqueológicos

da muralha, aponta, há evidências de eventos geológicos, nomeadamente de sismologia associada a uma grande falha geológica, que recuam a "centenas de milhões de anos".

O interesse do local foi comprovado nos anos 90. A autarquia tem vindo a apoiar campanhas, adqui-

riu o terreno e está agora desenvolver um centro de interpretação da natureza e da arqueologia no sítio.

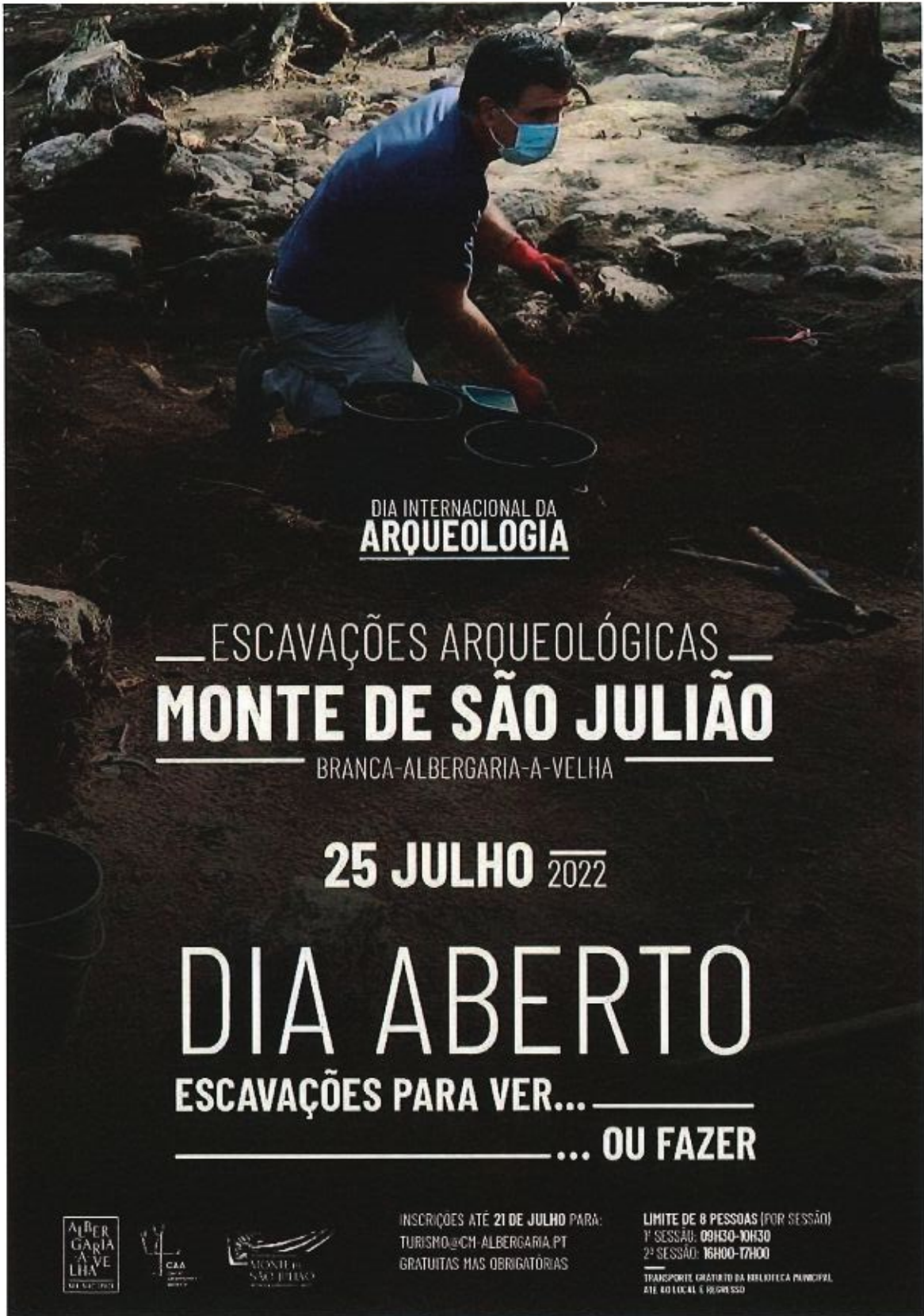
INFRAESTRUTURAS EM 2005 Já foram tiradas as plantas invasoras e feita a reflorestação com espécies autóctones. "O objetivo é ter no próximo ano algumas das infraestruturas prontas, mas é um processo que irá ter continuidade, porque há muito por estudar", diz Delfim Bismarck, vice-presidente da Câmara.

Os achados do monte de São Julião, assim como os que têm sido encontrados noutros polos arqueológicos do concelho, estão a ser guardados para depois serem apresentados num museu que a autarquia pretende construir. ●

Francisca Castro

Aluna Arqueologia Univ. Minho

"Estou a fazer estágio nas escavações e estava no grupo que encontrou um machadinho pré-histórico perfeito. Ficamos muito felizes."



**DIA INTERNACIONAL DA
ARQUEOLOGIA**

— ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS —
MONTE DE SÃO JULIÃO
BRANCA-ALBERGARIA-A-VELHA

25 JULHO 2022

DIA ABERTO
ESCAVAÇÕES PARA VER...
... OU FAZER

ALBERGARIA A VELHA
MUSEU LOCAL

CAA
COMISSÃO ARQUEOLÓGICA

MONTE DE SÃO JULIÃO
MUSEU LOCAL

INSCRIÇÕES ATÉ 21 DE JULHO PARA:
TURISMO@CM-ALBERGARIA.PT
GRÁTITAS MAS OBRIGATORIAS

LIMITE DE 8 PESSOAS (POR SESSÃO)
1ª SESSÃO: 09H30-10H30
2ª SESSÃO: 16H00-17H00
TRANSPORTE GRATUITO DA BILHETECA MUNICIPAL
ATE AO LOCAL E regresso

